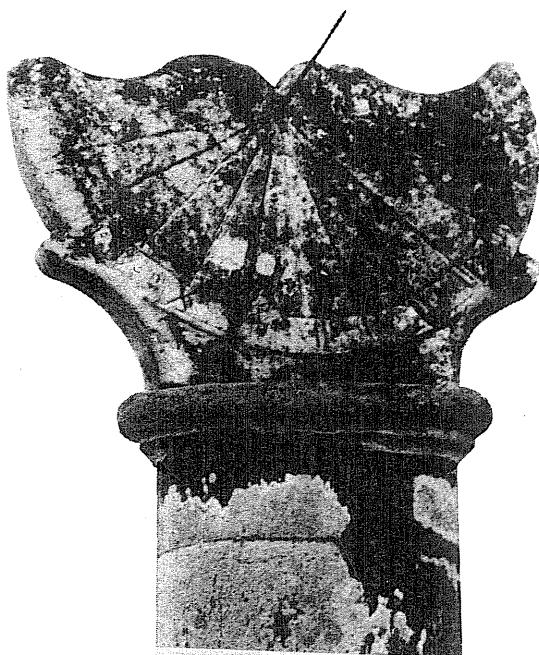


CARLOS SOLANO DE PAULA CARVALHO CELINA ALBANO
CÉLIO DA SILVEIRA FIRMO FLÁVIO DE LEMOS CARSALADE
HELOISA GAMA DE OLIVEIRA JOSÉ DOS SANTOS CABRAL
FILHO MARIA CRISTINA TEIXEIRA PEROCO MAURICIO
ANDRÉS RIBEIRO PING XU WILLIAM RAMOS ABDALLA

A ALMA DA PEDRA

ANOTAÇÕES SOBRE ASSENTAMENTOS
HUMANOS PARA O III MILÊNIO



FICHA TÉCNICA:

Projeto Gráfico: Marcilio Godoi
Fotografias: Willian Sidney
Desenhos: Bruno Ernani Campos
Composição: Eduardo Magalhães Salles
Montagem: Wilson Coutinho
Colaboração: Celso da Silva Borges
Fernando Hermanny Costa

Ficha Catalográfica

Alma da pedra/ 2º Congresso Holístico Internacional,
Belo Horizonte, julho de 1991. — Belo Horizonte:
1991.

p. 84

1. Arquitetura – Filosofia – Congressos.
I. Título

720.1
C749a
1991

A ALMA DA PEDRA

**Anotações sobre assentamentos humanos
para o III milênio**



**OFICINA MINEIRA DE EDIÇÕES
BELO HORIZONTE - MG**

AUTORES

- *Carlos Solano de Paula Carvalho*
Arquiteto - EA/UFMG (1979)
Formação em Pedagogia Waldorf – Escola Rudolf Steiner, SP
(1985)
- *Célio da Silveira Firmao*
Arquiteto – Izabela Hendrix, MG (1987)
Especialização em Estrutura Metálica – UFOP (1989)
- *Flávio de Lemos Carsalade*
Arquiteto – EA/UFMG (1979)
Vice-Diretor da EA/UFMG
Especialização em Controle do Ambiente em Arquitetura –
CAPES (1982)
- *Heloisa Gama de Oliveira*
Arquiteta – EA/UFMG (1974)
Pós-graduação – Universidade de Paris VIII (1977)
Professora da EA/UFMG
- *José dos Santos Cabral Filho*
Arquiteto – EA/UFMG (1988)
Professor da EA/UFMG
- *Maria Cristina Teixeira Perocco*
Arquiteta, Urbanista – EA/UFMG (1976)
Especialização em Controle do Ambiente em Arquitetura –
CAPES (1982)
Professora da EA/UFMG
- *William Ramos Abdalla*
Arquiteto – EA/UFMG (1963)
Professor reintegrado UNB
Pós/graduação UNB (1965)
Pós-graduação – University of London (1975)

*Às pessoas que se reúnem buscando a cooperação
e o conhecimento*

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:

- Aos organizadores do "II CONGRESSO HOLÍSTICO INTERNACIONAL": José Maria Martins, Orestes Diniz e Paulo Martins
- À Elizabeth de Melo Naves – Projeto de Financiamento.
- À Escola de Arquitetura da UFMG.
- À FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais) – financiamento integral desta edição.

APRESENTAÇÃO

Este livro é o resultado da reunião de um grupo de arquitetos, cujo objetivo era organizar o Fórum sobre "ASSENTAMENTOS HUMANOS PARA O 3º MILÊNIO" NO "II CONGRESSO HOLÍSTICO INTERNACIONAL" que aconteceu em Belo Horizonte em julho de 1991.

Este grupo surgiu de uma convergência espontânea, enlaçados por uma sensibilidade comum a todos - O Resgate da Alma da Arquitetura.

Durante o primeiro semestre, trabalhou-se com afinco na preparação do simpósio, tempo em que brotaram possibilidades que extrapolaram a preparação do evento.

Os encontros tornaram-se especial lugar de estudos e trocas de conceitos, referentes à Arquitetura e Urbanismo e nosso envolvimento pessoal com a sua prática.

Após a realização do congresso, momento de intercâmbio a um nível mais amplo, interdisciplinar, o grupo sentiu o impulso de vivenciar uma experiência que encarnasse o conjunto de reflexões que nos visitavam.

A oportunidade veio através de um concurso promovido pela Prefeitura de Belo Horizonte, visando à revitalização do Mirante das Mangabeiras, trabalho este, ilustrado no final desse livro.

Os textos, sem a pretensão de estarem finalizados, expressam vislumbres surgidos durante a prazeirosa convivência, na busca da cooperação e do conhecimento.

Os autores

SUMÁRIO

PARTE UM

TEXTOS

- Fundamentos – Um novo imaginário*, 13
Carlos Solano de Paula Carvalho
Impacto e harmonização com o meio ambiente, 18
Célio da Silveira Firmo
A sede da Arquitetura, 21
Flávio de Lemos Carsalade
Corpo: a casa que habitamos, 28
Heloisa Gama de Oliveira
Arquitetura contemporânea – longe da origem, 31
José dos Santos Cabral Filho
Relações urbanas – ecologia urbana e social, 34
Maria Cristina Teixeira Perocco
A ponte, 36
William Ramos Abdalla

PARTE DOIS

SIMPÓSIO: “ASSENTAMENTOS HUMANOS PARA O III MILÊNIO”

- Introdução*, 43
Conferências, 45
Moderador: Flávio de Lemos Carsalade
Debatedores: Ping Xu, William Ramos Abdalla,
Maurício Andrés Ribeiro, Celina Albano
Debate, 71

PARTE TRÊS

ESTUDO DE CASO: PROJETO PARA O MIRANTE DAS MANGABEIRAS, 71

BIBLIOGRAFIA, 79

TEXTOS

FUNDAMENTOS

Um Novo Imaginário

Carlos Solano de Paula Carvalho

*"Não existem inícios e não existem fins. O Universo é um processo e o processo está em nós. Quando fluímos com ele, criamos em harmonia; quando o obstruímos ou ignoramos, entramos em dificuldade".
(Ensínamento Tai Chi.)*

1- O NOVO HOMEM O elemento espiritual no ser humano

Ao que parece, a apresentação da "Verdade Divina", como é dada pelas instituições do Ocidente e pelos mestres do Oriente, não caminhou no mesmo ritmo do desenvolvimento da consciência do homem.

Carl G. Jung, um dos grandes pensadores da Psicanálise, percebe que um fato psíquico de nossa época é o estranho fenômeno do desaparecimento e "morte" da imagem cristã de Deus na vida de muitas pessoas. A perda da significação dessa imagem é também a perda do fator supremo que dá significação à vida, segundo ele.

Estamos em um *turning-point*: o paradigma antigo já não nos satisfaz e o novo ainda não se delineou completamente. Esse novo paradigma que começa a surgir não parece tomar a forma de uma nova religião: parece ser muito mais uma sensibilidade holística em sintonia com a Verdade essencial presente em todas as grandes religiões.

Vemos hoje a tendência a uma síntese entre a visão de Deus Transcendente, fora de seu Universo, observador, trazido pelas religiões ocidentais, com a visão do Deus Imanente, presente no âmago de cada ser e forma criada, enfatizada pelas religiões orientais.

Dentro dessa nova realidade, a própria natureza do homem vem sendo redefinida. A ciência e a religião já começam a se aprofundar nessa nova visão do ser humano, o qual não é visto apenas como corpo, ou mesmo emoções e pensamentos.

A nova psicologia já nos traz um novo elemento: o *self*, de Jung, ou o *Eu Transpessoal*, de Assagioli, falam de um outro nível de nós mesmos que desconsiderávamos até então.

Baseadas na compreensão do homem como um ser que necessita de cultivar também o espírito, surgem novas questões para a arquitetura.

Como diz Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia, “enquanto formos obrigados a viver em espaços que foram determinados por nossa cultura em degeneração, nosso processo de vida irá de uma forma ou de outra estar ligado com o destino de tudo que está degenerado”. Precisamos de um ambiente físico que irradie através de suas formas, o elemento espiritual simbólico, para nossas vidas, diz Steiner.

A arquitetura pode nos revelar esse mundo do espírito, e a experiência de se construir algo, pode voltar a gerar imagens que estabeleçam conexão profunda com nós mesmos, possibilitando uma expansão do nosso ser em direção a uma personalidade mais ampla.

2 - A HIPÓTESE GAIA

A Terra como um organismo

“O planeta no qual vivemos é um ser, uma criatura viva, parte do todo que é o sistema solar. Não somos separados dele; somos o ponto no qual a natureza e a evolução se tornam conscientes. Somos o sistema nervoso e os sentidos de Gaia, a deusa Terra.”, diz James Lovelock, autor da hipótese Gaia.

A atual consciência ecológica indica a presença de uma nova tendência, mais holística, que nos mostra que existe uma rede de dependências recíprocas entre todos os aspectos do Universo. É evidente que essa consciência deve incluir a arquitetura.

Um exemplo disso é a tendência que inclui o contextualismo, palavra que significa empatia e que implica em integração, adaptação, aceitação, continuação e também apropriação. Os fenômenos naturais são aceitos e deles surgem os impulsos que definem o projeto.

Para Bruno Taut (1880-1938), arquiteto alemão, construir é continuar a criação divina, estabelecendo uma continuidade entre paisagem, jardim, casa e mobiliário. Acredita que uma arquitetura em sintonia com a natureza estaria imbuída de uma nova espiritualidade.

Como diz o filósofo David Spangler, “parte do desafio humano é se ver separado da natureza, de forma que possa mais hábil e conscientemente se reintegrar a ela”.

Outro exemplo é Rudolf Steiner, autor de alguns projetos de arquitetura baseados nos princípios da Antroposofia. Para ele as formas tem uma imensa influência sobre o ser humano. Em um ambiente de formas vivas (baseadas na percepção de Goethe sobre os arquétipos na natureza), somos ajudados a ter percepções mais ricas e profundas da vida e de nós mesmos. Ao contrário, nos ambientes de formas rígidas, a tendência é termos impressões e estímulos mais pobres. Segundo Steiner, o ângulo reto não existe nas formas da natureza, mas é uma criação do pensar intelectual do homem.

Steiner propõe uma arquitetura baseada nos princípios da

"metamorfose" que são fundamentados nas descobertas de Goethe, relacionadas às leis do crescimento das plantas. "As formas deveriam expressar forças vivas", diz ele. "As paredes deveriam viver, viver de uma forma que corresponda à verdade."

Corresponder à verdade, significa que esta arquitetura orgânica não é apenas uma arquitetura de formas movimentadas, mas sim, as formas se movimentam para melhor expressar o que a realidade espiritual, o mito, quer revelar.

O taoísmo também concorda que o mundo biológico é curvilíneo, sendo o seu principal componente, a água. O princípio mais sutil do taoísmo conhecido como a "não-ação" ou "mover-se de acordo com o fluxo da natureza", consiste também em fazer curvas em vez de ângulos.

A necessidade da interação consciente homem/natureza se torna clara em uma colocação de Jung que nos relata que em Bollingen, onde construiu a "torre", sua casa de campo, vivia em "modesta harmonia com a natureza". "às vezes como que me espalho pela paisagem e nas coisas, vivo em cada árvore, no sussurro das vagas, nas nuvens, nos animais que vem e vão, nos objetos. Nada há na torre a que eu não esteja ligado." Completa: "Sem minha terra, minha obra não viria à luz."

3 - O RENASCIMENTO DO SAGRADO A nova ordem mundial

Carl Jung nos conta que entre os seus pacientes, um bom número não o seria em épocas mais antigas: "não se teriam dissociado se tivessem vivido em tempos e lugares em que o homem ainda estivesse ligado pelo mito ao mundo dos ancestrais, vivendo a natureza e não apenas a vendo de fora: a desunião consigo mesmo teria sido poupadão. Trata-se de homens que não suportam a perda do mito, que não encontram o caminho para o mundo puramente exterior, isto é, para a concepção do mundo tal como a fornece as ciências naturais e que também não podem satisfazer-se com o jogo puramente verbal de fantasias intelectuais, sem qualquer relação com a sabedoria".

Sabemos que o propósito sagrado de toda arte é a transformação, o ritual de passagem, de abandono de uma forma antiga e já morta e a criação de um espaço para a revelação do que existe de mais profundo, complexo e invisível no homem.

Relacionando com o mito do mundo dos ancestrais, colocado por Jung, temos a visão de Rudolf Steiner que diz que arquitetura e escultura são vestígios do mundo espiritual. Arquitetura, segundo ele, resulta do anseio de elementos espirituais que querem se expressar no mundo material. Se experienciarmos interiormente a dinâmica das formas plásticas, estas deveriam detonar um processo de sensibilidade

semelhante ao da memória, nos reconectando com o espiritual, ou seja, o símbolo, o mito e o rito presentes e necessários à evolução humana.

"O mito é o degrau intermediário, inevitável, entre o inconsciente e o consciente. Está estabelecido que o inconsciente sabe mais que o consciente, mas seu saber é de uma essência particular, eterna, que não leva em conta a linguagem de nosso intelecto.

Elevar a consciência parece ser a tarefa metafísica do homem - mas sem 'mitologizar', apenas pode compri-la parcialmente."

4 - A CRISE ATUAL

Ponte e não barreira

Uma visão holística da vida encoraja o que o antropólogo Gregory Bateson denomina de "*sabedoria sistêmica*", a sabedoria da compreensão de como as diferentes partes da vida se interligam e se interagem como um todo.

Muitos dos problemas que enfrentamos em nossos dias são o resultado de ações relacionadas com *partes* da vida, como se estas fossem desconectadas do *todo*.

Quando a sabedoria sistêmica é aplicada aos grandes desafios do nosso tempo, fica evidente que os mesmos não podem ser vistos como problemas separados. E ainda assim, é como tentamos lidar com eles. Estes problemas tem raízes comuns que se afetam mutuamente:

"A alienação da natureza, o conflito entre culturas e sociedades, a ameaça da guerra nuclear, o stress da situação econômica: tudo isso reflete o desenvolvimento do ego (ísmo) não integrado com o espírito de síntese. Também representa a pressão deste espírito em direção à integração. Porque estes problemas são maiores do que a capacidade de um único indivíduo ou país de os resolver, eles evocam o surgimento de uma consciência global em cada um de nós", diz o filósofo David Spangler.

Enquanto nos alerta para a situação atual em uma escala mais ampla, a perspectiva holística nos fala também que o poder de cada pessoa de afetar o todo não pode ser medido pela -- influência quantitativa deste indivíduo -- sua riqueza, posição social, relacionamentos -- mas pela *qualidade* de sua obra e ação.

Esta qualidade está diretamente relacionada a tudo aquilo que é voltado para o humano, relacionando-o com a totalidade do mundo que o circunda.

Em termos de arquitetura, os espaços criados para a vida do homem devem ter uma correspondência com o próprio ser e fazer humanos.

O arquiteto norte-americano James Hubbell diz que "não é que a economia e a funcionalidade não sejam importantes em um projeto; a

questão é que elas não expressam a nossa totalidade como homens, nossas construções devem aprender a expressar tudo o que *contemos*, pois nós somos a totalidade".

Já Rudolf Steiner coloca sobre a arquitetura uma grande responsabilidade: "Apesar de muito estudo e atenção serem colocados na eliminação do crime e injustiça no mundo, a verdadeira cura, vai depender, no futuro, da capacidade da arte de enviar à alma humana, um estímulo espiritual."

"Os edifícios serão nossos mestres. Irão começar a falar." Irão falar uma linguagem simbólica que irradiará estímulos e impulsos para a alma humana através das formas arquitetônicas.

5 - A ECOLOGIA DA VERDADEIRA AÇÃO CRIADORA A evolução humana

A evolução humana, nos últimos séculos, concentrou-se principalmente no desenvolvimento do intelecto. Nossa tarefa era mergulhar no mundo da matéria e explorá-lo. Neste processo, desenvolvemos o hemisfério esquerdo do cérebro com suas qualidades críticas, analíticas, racionais que nos possibilitaram controlar e "conquistar" a natureza. O resultado é uma cultura masculina e patriarcal. O preço que pagamos por isso é a atrofia das faculdades do hemisfério direito do cérebro, que são mais femininas e sensíveis, essencialmente artísticas, intuitivas e poéticas. Assim, em geral nos fechamos para o nosso lado intuitivo e para a capacidade de unificação com os aspectos sutis da realidade. A criatividade então era vista apenas como uma expressão do ego, da personalidade.

A verdadeira ação criadora, atualmente, já pode ser vista como uma aventura para além de nosso espaço racional e lógico, em direção ao inexplorado mundo imaginativo.

"A criatividade nos abre à revelação... nossa capacidade de ver anjos, de caminhar sobre as águas, de conversar com os unicórnios. Mas esse algo especial nos toca, somente quando conseguimos abandonar o nosso controle intelectual adulto", diz Madeleine L'Engle.

Já Rudolf Steiner traz a idéia de que criar uma obra de arquitetura é levar para o mundo exterior as forças ativas em nós e as leis do nosso próprio corpo humano. Assim, um trabalho de arte não seria nunca descrito apenas pela composição de formas e cores, mas seria descrito como algo que se consuma no interior da alma do observador.

Com ele concorda o arquiteto Ricardo Legorretta quando escreve que as pessoas deveriam experenciar espiritualidade, felicidade, paz, amor, mistério, otimismo, surpresa e humor (que são as forças ativas em nós), no uso diário de um edifício. É conclui dizendo que a arquitetura só serve à sociedade, se restaura os verdadeiros valores da vida.

IMPACTO E HARMONIZAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE

Célio da Silveira Firmo

Durante o processo de sobrevivência do ser humano no planeta, sucessivas transformações são percebidas tanto no seu habitat, quanto nele próprio (mudanças de hábitos, pensamentos, ações e consequentemente o seu nível de consciência).

Esta interação recíproca entre o ser humano e os recursos naturais disponíveis no habitat, gera uma realidade dinâmica e mutante a caminho de uma complexidade cada vez maior.

No intuito de obter o domínio desta realidade, o ser humano sentiu a necessidade de estabelecer modelos que lhe permitissem planejar e compreender as relações intrínsecas no seu mundo.

Na medida em que o ser humano se enriquece de vivências, são necessárias algumas reavaliações nas bases destes modelos, para que estes melhor se adequem às novas necessidades de consciência adquirida durante este processo.

O modelo ou paradigma dominante, vem-se apresentando atualmente insatisfatório, por estar estruturado em bases que impossibilitam ou dificultam uma visão globalizante ou mais abrangente.

O processo dinâmico proveniente desta estruturação atingiu complexas proporções, deslocando gradativamente o homem de sua posição inicial de *agente produtor* do modelo, para o de produto. Tal ocorrência se deve basicamente a certas peculiaridades do paradigma adotado, que permitiram a inversão destas forças.

O *rítmo* proveniente desta dinâmica, ultrapassou o próprio rítmico implícito em qualquer processo natural, inclusive o do homem. O conceito de "Mundo Máquina" criado por ele acabou por atropelá-lo.

A idéia de *recursos infinitos* também implícito no paradigma, colide com a característica finita existente em todos os homens, recursos naturais, e em todas as manifestações da natureza, e que desempenha um papel regulador de suma importância para o equilíbrio natural.

Percebe-se atualmente que o *crescimento e progresso sem limitações* não são possíveis. Estes conceitos foram por nós compreendidos de forma ingênuas, visto que nunca questionamos objetivamente o que pretendíamos com eles.

O *desenvolvimento econômico -- político e financeiro, foi eleito prioritário*, uma vez que seus bons reflexos seriam percebidos a curto e a médio prazo. Outras questões relevantes ficaram dependentes do resultado econômico, e portanto postergadas para um amanhã/fictício e inatingível.

Os valores centralizadores, de crescimento ilimitado, maximização de lucros, etc., contidos neste modelo, contribuíram e contribuem para a formação das *Grandes Potências* que atualmente detêm o poder político-econômico financeiro. Estes valores vêm-se expandindo de forma indiscriminada sobre a superfície do planeta, instaurando por onde passam uma “*desordem mundial*”. Tal expansão não leva em consideração os valores locais anteriormente existentes, abafando desta forma aspectos naturais, regionais, culturais e organizacionais de menor peso político.

Apesar de o desenvolvimento tecnológico viabilizar a existência do ser humano em condições anteriormente não existentes, como nas grandes metrópoles, a melhoria da qualidade de vida, tão preconizada, não vem verificando-se. Podemos assim constatar crescentes índices de pobreza, marginalização, suicídios, etc., nos grandes aglomerados urbanos, em todo o planeta.

A desigualdade na distribuição de renda, de certa forma é mantida pelo paradigma dominante, por possuir uma “*vista*” que adota a existência de situações opostas não como polaridades de uma mesma realidade (positivo x negativo, masculino x feminino, bem x mal, etc.). Para que haja fluxo de capital na concepção deste modelo, a existência de realidades contrárias como a pobreza e riqueza é fundamental. Qualquer postura no intuito de equilibrá-las, contrariaria a sua própria mecânica de acúmulo de bens e de capital.

As grandes metrópoles ou megalópoles idealizadas para nelas habitar o “*homem moderno*” se encontram hoje envolvidas com sérios problemas ambientais, sociais, políticos e econômicos. Considerar estes problemas como variáveis autônomas e independentes, talvez seja o maior erro deste modelo, fragmentário e reducionista.

O homem urbano no meio desta multiplicidade de elementos desconectados se predispõe a uma postura mental, moral, cultural e espiritual desarmonizada.

O sentimento de alienação gerado nas massas urbanas se reflete na falta de compromisso do indivíduo com o seu próprio habitat. Este se torna vulnerável, e uma “*presa*” fácil para o modelo que lhe impinge esses valores, alimentando-o de fantasias, e, levando-o a um consumismo compulsivo de imagens, de bens, ideologias, etc.

Não se deve esquecer no entanto que esta realidade reflete o estado interior do homem que a criou, e que servirá também de “*alimento*” para ele próprio.

Este contínuo movimento ocílico nos lembra todo um organismo num processo de autocontaminação, afastando-se cada vez mais de sua unidade harmônica.

O nível de consciência adquirido durante o nosso processo

evolutivo no planeta, aliado às constantes evidências de desarmonia vivenciadas diariamente, nos possibilita hoje aceitar a existência de novas ordens viáveis que foram por nós ignoradas ou mesmo desprezadas. A própria comunidade científica se depara atualmente com questões onde as soluções são esboçadas ou encontradas em novos paradigmas, e não naquele que lhe serviu de embasamento teórico.

A discussão destas questões interessa não só a todos aqueles envolvidos com a produção dos assentamentos humanos, que além de profissionais são cidadãos planetários, mas também àqueles que convivem com o resultado desta produção.

Reflexões sobre metodologias de trabalho, relacionamento profissional, configurações espaciais, conteúdo energético envolvido nos processos de obtenção, fabricação e manutenção dos materiais, podem gerar ganhos reais a toda uma comunidade. Desta forma é possível minimizar os impactos decorrentes do projeto, sejam eles culturais, econômicos, sociais, ambientais, energéticos ou políticos.

A SEDE DA ARQUITETURA

Flávio de Lemos Carsalade

A idéia da transmigração da alma é uma idéia importante no budismo e toda a ética inerente a ela tem reflexos positivos no cotidiano de seus seguidores. A transmigração da alma, segundo a concepção budista, consiste no seguinte: "Depois da morte a alma migra de um corpo para outro, celestial, humano, animal ou vegetativo."(D.T. Suzuki.) Afora os benefícios que esta postura presta à questão ecológica -- a preservação e o respeito à natureza são no mínimo necessários à nossa nova vida -- o seu exame é interessante também do ponto de vista filosófico. Uma questão aqui se coloca: quem escolhe ou como é escolhida a nossa nova forma?

A questão abre espaços a outras tantas, difíceis de serem abordadas do ponto de vista da ciência: como a alma sai ou entra em um corpo? Existe um corpo alhures esperando a alma? A alma subsiste sem um corpo? A alma é *um princípio*, do ponto de vista conceitual, e é *o princípio* do ponto de vista, digamos, operativo: *a alma cria um corpo adequado à sua própria habitação*, e portanto não escolhe um corpo preeexistente. Este princípio que leva as coisas à existência é chamado, na filosofia budista, de *Trisna*. *Trisna* é a sede que torna as coisas reais e precisa de uma forma para se afirmar: assim se o *trisna* quer ver, temos os olhos; se o *trisna* quer saltar, temos a corça; se o *trisna* quer voar, temos as aves. O *Trisna* é o criador do universo e, como criador, jamais se esgota, é o princípio da individualização. A ciência realmente não tem como responder a estas perguntas e neste ponto a religião se confunde com a arte, pois enquanto a primeira abstrai, reflete e generaliza, as últimas concretizam, corporificam e individualizam.

É deste ponto, onde religião e arte se encontram que partimos para um entendimento da Arquitetura. Não do exame religioso da transmigração da alma que leva a outras questões, nem da Arquitetura enquanto fé (ou, quem sabe, isto sim?), mas do entendimento da idéia que o *trisna* traz consigo.

O *trisna* quer sustentação?, temos a coluna; o *trisna* quer proteção, temos o côncavo; o *trisna* quer perenidade?, temos a pedra. O *trisna* é a "vontade de existir", o espírito da obra. À arquitetura cabe captar o *trisna* e corporificá-lo. A pergunta inicial que se apresenta ao arquiteto é: "O que quer ser o edifício?", que cara quer ter, o que quer expressar, como vai se elevar em um lugar específico. É da essência que determina a solução que parte o arquiteto. Louis Kahn, arquiteto norte-

americano falecido em 1974, desenvolveu o conceito de "Pré-forma" e colocou questões como: "A arquitetura dá corpo ao incomensurável", "A arquitetura corporifica as instituições humanas", "Na natureza do espaço existem o espírito e a vontade de existir em um determinado modo". A arquitetura é um canal de manifestação do *trisna*.

A criação dos assentamentos humanos não é somente uma questão técnica, um conjunto de meios e modos, mas tem profunda significação na existência do homem dando a ele identidade e orientação. Se a luz entra difusa ou concentrada ela nos evoca sensações também diferenciadas; se a cor é leve ou forte, se ela sussurra ou grita, se é serena ou tensa. A arquitetura povoa nossa memória e nos liga à terra, tornando-nos cidadãos de um mundo que tem a marca da nossa presença. A criação dos assentamentos humanos é uma tarefa séria que não pode ser parcial, centrada apenas nas questões funcionais ou no tratamento superficial e vazio da forma. A pena a esta postura é criarmos uma fratura ainda maior nas nossas vidas, num tempo onde as coisas de tanto serem vistas de modo analítico e parcial resultam em desastres ecológicos e neuroses. A pena a esta postura é criarmos apartamentos que nada dizem, empobrecendo a vida do homem.

"Quando olhamos os lírios do campo e observamos que eles estão mais gloriosamente ataviados que Salomão em seu templo, não será porque em nosso *trisna* há algo que participe do *trisna* da flor?" (Suzuki.) A identidade dos *trisnas* é questão mais profunda, que muitas vezes é resolvida com superficialidade. A casa "coloniosa", pastiche da casa colonial, não seria o resultado pobre do desejo de interioridade, aconchego e simplicidade traduzidos numa forma gasta e anacrônica? Qual é a resposta atual a este *trisna* -- que como princípio criador é inesgotável?

As nossas cidades carecem de outros *trisnas* que não apenas o de "ser ocupada". Onde o espaço da referência pessoal, da memória, do aconchego?

Do ponto de vista destas associações, a Arquitetura é uma encarnação. A sua alma pode ser rica, alegre e plena de vida. Ou a sua alma pode gerar um corpo bom de ver, gostoso de conviver. O que a metafísica não explica, mas a realidade confirma, é a existência -- única do ponto de vista religioso -- de tantos corpos sem alma nas cidades dos homens.

A crítica da arquitetura produzida nas últimas décadas tem seus argumentos mais forte, e também os mais citados, nesta grande despersonalização dos objetos arquitetônicos então produzidos e na violenta separação entre o edifício e o seu sítio, causando entre outros problemas, desequilíbrios energéticos muitas vezes só superados pelo uso de equipamentos mecânicos. E este é, na realidade, o quadro que constatamos na maioria das nossas metrópoles, e de onde vem a

assertiva unânime de que a Arquitetura está em crise. No entanto, após o primeiro impacto de se verificar a crise da Arquitetura, começamos a entender que, como seria natural, a Arquitetura apenas manifesta, ou torna evidente, uma crise que é mais ampla e talvez tenha suas causas mais profundas no próprio desenvolvimento unilateral da nossa cultura.

Assistimos à supervvalorização do racionalismo que relega a segundo plano a intuição e que, na Arquitetura, resultou do entendimento da "máquina de morar" corbusiana apenas no sentido funcional. Assistimos à preponderância do poder econômico que subjuga outros valores de forma drástica e propõe muitas vezes o desperdício, na sua sanha consumista. Assistimos à segregação do mundo em partes hierarquizadas segundo critérios que não contribuem para a harmonia do homem consigo e com o cosmos. Se olharmos a nossa produção habitacional recente, ficará claro como a arquitetura manifesta esse jeito de ver as coisas: nos quartos-sala utilitários de mesma planta, onde está o espaço para o espírito? Nas nossas cidades erguem-se as catedrais de nossos tempos travestidas de edifícios bancários que disputam entre si qual tem a forma mais mirabolante. Onde está a poesia do espaço?

A crise da Arquitetura é o desequilíbrio dos nossos tempos. Vejamos o exemplo dos índios *pueblos* na América do Norte.

Os índios *pueblos* habitam a região sudoeste dos Estados Unidos desde o século VI, nos estados de Novo México, Arizona, Colorado e Utah (estes dois últimos na parte sul). Desenvolveram a agricultura e a vida comunitária, construindo "cidades" que ainda hoje conservam suas características básicas.

O clima onde estas culturas se desenvolveram é um clima semi-árido de planícies de altitude média entre 1.500 e 2.000 m. As diversas aldeias estão localizadas em sítios estrategicamente escolhidos, em região cultivável e com presença de água, e que combinavam a necessidade de proteção com a adequação às condições climáticas de verão quente e seco, submetido a fortes radiações e noites muito frias de inverno.

Pueblo Bonito (Colorado e Novo México), criado no século VIII, apresenta uma organização em semicírculo voltado para o sul, em cinco níveis. O assentamento é, climaticamente, extremamente eficiente: aproveita os raios solares contra o frio de inverno, oferece proteção contra os ventos de Norte. Além disso, o uso de paredes pesadas garante uma inércia térmica adequada tanto ao verão quanto ao inverno. A disposição das habitações em semicírculo cria, também, uma forte impressão de vida comunitária.

Mesa Verde (Colorado) é outro exemplo interessante, onde a escolha do sítio resolve bem os problemas de assentamento. A formação rochosa na qual foi edificada esta aldeia indígena auxilia no seu controle térmico durante todo o ano.

Acoma Pueblo é chamada "Cidade do Céu" pela sua localização no topo de uma *mesa*, formação rochosa que se ergue aproximadamente a 130 metros sobre a planície circundante. Como nos outros *pueblos* as casas tem orientação solar adequada e garantida pela disposição do conjunto, são de adobe e possuem câmaras rituais parcialmente ou totalmente enterradas (*kiwas*). Estas salas de reunião e iniciação, reservadas aos homens, perpetuam a antiga tradição da casa enterrada dos primeiros índios sedentários.

Taos Pueblo, como Acoma Pueblo, é mais recente, datando do século XVII. A situação de Taos é um pouco diferente das anteriores, por não estar numa *mesa*, mas sim num planalto ondulado ao pé de uma montanha de 4.000 metros de altitude, às margens de um afluente do rio Grande. Sua organização básica, entretanto, é similar, embora seja mais "vertical", em alguns pontos apresentando cinco "andares". A disposição dos diversos núcleos habitacionais na "pirâmide", é feita de tal forma recortada que as paredes leste, sul e oeste apresentam grande superfície para exposição solar e mínima superfície para norte. Como as paredes possuem uma grande inércia térmica, apresentando defasagens de oito horas na transmissão de calor, o sistema energético responde muito bem, aproveitando com sabedoria os materiais e técnicas disponíveis. As coberturas são isoladas para evitar o sol a pino de verão.

Basicamente, portanto, os assentamentos dos *pueblos* apresentavam as seguintes características básicas:

- grande unidade formal, acentuando a idéia de vida comunitária integrada;
- paredes de adobe de grande inércia térmica, com pequenas aberturas, adequada às grandes variações de temperatura;
- implantação voltada para sul, permitindo a incidência solar em todas as casas (pelo escalonamento) e protegendo contra o vento norte;
- adequação às técnicas e materiais disponíveis.

A harmonia dos conjuntos, nos diversos casos, é surpreendente. As casas parecem brotar da terra, como num ato mágico. O ritmo dos volumes que buscam o sol confere variedade dentro da unidade e uma beleza despojada, essencial. As aberturas aparecem como contraponto do jogo de volumes e saltam, alegres, por entre o peso do adobe. As vigas da cobertura apontam nos volumes e, dialogando ritmicamente com o sol, projetam sombras severas nas paredes avermelhadas.

Há algo que perpassa todo o local que confere a idéia de um todo de tal forma coeso que não podemos fazer separações e segregar funções: a Arquitetura dos *pueblos* é sua religião e seu modo de vida. A homogeneidade do conjunto reflete a harmonia social.

No entanto são cidades como as nossas. Têm a dinâmica do encontro e das relações sociais, as casas são comprimidas e construídas

umas sobre as outras. No entanto, aparece menos a forma individual e mais a idéia do coletivo e da cooperação, muito diferente da competição de nossas cidades. Todos têm direito ao sol que é calor para o corpo e ao mesmo tempo para o espírito: é o seu Deus Supremo. Muito diferente das enormes sombras projetadas por nossos prédios egoístas e secularizados. A experiência comunal e solarizada do espaço o faz sagrado e torna possível a instituição do mundo e da vida. A sua habitação é o centro do mundo. A experiência do espaço é profunda e significativa. O espírito, como o corpo, tem acolhida neste assentamento.

O Sol é seu Deus e a atitude panteísta faz com que a natureza seja ao mesmo tempo que material construtivo, fonte de calor e suporte para o mundo. Cada parte está intimamente ligada ao todo. Aqui vemos materializadas as palavras de Mircea Eliade que dizem: "É a experiência do sagrado que funda o mundo. E até mesmo a mais elementar religião é, sobretudo, uma ontologia." A arquitetura dos *pueblos* é uma ontologia. Este sentido cosmológico da vida para o índio *pueblo* é bem nítido no diálogo entre Jung e o chefe dos *pueblos* Taos Ochwiay Biano:

"Perguntei-lhe, então por que pensava que todos os brancos eram loucos. Respondeu-me:

– Eles dizem que pensam com suas cabeças.

– Mas naturalmente! Com o que pensa você? – perguntei admirado.

– Nós pensamos aqui – disse ele, indicando o coração."

Os índios sentados nos terraços assistem a cada dia o Sol se mover nos céus, trabalhando com ele, nas suas cidades voltadas para o sul. Isto lhes dá um sentimento místico associado ao cotidiano que possibilita uma vida integrada. Citando novamente Jung a respeito dos índios *pueblos*, em Taos: "Precisamos sorrir, ainda que de puro ciúme, da ingenuidade dos índios, e nos vangloriarmos de nossa inteligência, a fim de não descobrirmos o quanto nos empobreçemos e degeneramos. O saber não nos enriquece; pelo contrário, afasta-nos cada vez mais do mundo mítico, no qual, outrora, tínhamos direito à cidadania."

Descendo um pouco do planalto de Taos, na cidade de Albuquerque, deparamo-nos então com as residências do homem americano comum, muitas delas em "estilo *pueblo*". Mas tudo é ficção: as paredes, em vez de adobe, isopor; as vigas aparentes apenas tocos justapostos. É a busca descabeçada de alguma coisa perdida no tempo, é a influência de uma instituição forte e coesa numa sociedade sujeita à efemeridade da moda, que perdeu alguns de seus valores fundamentais e, no entanto, anseia por eles.

Somente isto pode explicar porque a Reitoria da Universidade do Novo México, construída em estilo vitoriano, vem sendo reformada para corresponder ao "estilo *pueblo*", estilo oficial das edificações do campus.

O exemplo dos índios *pueblos* norte-americanos mostra

concretamente como as fundações dos assentamentos humanos são várias e não se restringem apenas àquelas questões de ordem funcional ou formal. O que assistimos na realidade atual é a um reflexo da postura científica cartesiana que superestimou certos valores, notadamente aqueles ligados à razão, em detrimento de outros que, no caso da habitação são igualmente importantes. A razão valoriza os aspectos da habitação ligados à técnica e às funções físicas, mas na fundação do nosso espaço pessoal, o nosso lugar sobre a terra, muitas outras questões estão em jogo, e são estas questões, ligadas à intuição, sensação e sentimento, que conferem significação à esta nossa porção de mundo.

Assim descreve William Abdalla a arquitetura árabe: "As cidades do mundo islâmico são especiais sob o ponto de vista de harmonia física (...). Devido ao clima e fatores psicológicos o edifício oriental é interiorizado, a solução das fachadas é mais neutra que a dos interiores. A estrutura aparente como expressão arquitetônica não é tão fundamental para o árabe como o é para o ocidental. Ele ironiza nossa lógica inflexível quando utilizamos um artifício como o forro falso (*false ceiling*). Para o árabe, um elemento decorativo é tão importante quanto um construtivo -- a contemplação de sua arquitetura exige tempo, como o exige a leitura dos arabescos, ou das preces do Corão."

Exemplos de culturas estabelecidas podem sugerir que uma postura arquitetônica não fragmentada é resultado de um tempo onde a tecnologia fosse limitadora ou então de modelos fortes, sejam eles religiosos ou sociais. Não nos faltam, entretanto, exemplos recentes de Arquitetura abrangente, cujos fundamentos ultrapassam os cânones do racionalismo, inclusive o já citado Louis Khan que entendeu em sua arquitetura toda a dimensão da corporificação das instituições humanas em edifícios.

O catalão Gaudí (1852-1926) consegue transmitir através de sua arquitetura emoções que nos tocam de forma diferente na alma, causando-nos um estranho reconhecimento de nós mesmos, em suas obras, como se elas nos despertassem um imaginário profundamente pessoal: parecem ser feitas da mesma matéria da qual somos feitos.

"Construir é aceitar a matéria e elevar à espiritualidade todas as forças que lhe são opostas" -- dizia Bruno Taut (1880-1938), que em sua arquitetura procurou expressar forças cósmicas até mesmo como imagens arquitetônicas, buscando visões futuristas de um mundo melhor como "a união da Nova Jerusalém" com o benigno planeta Terra, espiritualmente transcendido por uma "construção da crosta terrestre" com domos radioisos e "palácios cintilantes".

A obra de Hassan Fathy (1900-1989) é outro exemplo importante de Arquitetura abrangente na medida em que funda toda a sua produção nos valores e na tradição islâmica, produzindo edifícios contemporâneos,

mas totalmente integrados à vida cotidiana de seus usuários e à sua realidade social econômica.

Rudolf Steiner (1861-1923), fundador do movimento antroposófico, consegue fazer com que a madeira e a pedra, no Goetheanum, se tornem vivas, em harmonia com o homem, dentro de seu princípio de metamorfose da forma, a partir de um impulso inicial. O Goetheanum é uma das grandes invenções arquitetônicas do século XX e, apesar do incêndio que o destruiu, o novo edifício que o sucedeu é também rico arquitetonicamente, gerando um espaço rico em força espiritual e criatividade, ainda pouco estudado pela teoria da Arquitetura.

As cidades para o futuro já são, hoje, uma realidade.

A parte edificada de Arcosanti aponta a direção do futuro e já há mais de uma década trabalha conceitos como tecnologia apropriada, energia solar e ecologia. Para o arquiteto Paulo Soleri a cidade é um passo na evolução espiritual do homem sobre a terra, como o foram a caverna e a fazenda: "o que faz a realidade é a dinâmica da progressiva vivificação da matéria se tornando espírito, a *urbanização* da massa-energia, espaço-tempo meio original". Arcosanti funciona como um "organismo com mil dentes", uma grande totalidade funcional, como um organismo vivo. Convivem no local a tecnologia e a teologia, a arquitetura de terra e a energia solar, o simbólico e a máquina. O que torna todas estas relações possíveis é a consciência de totalidade que as permeia.

Auroville (1968) nasceu como um gesto de boa vontade entre os homens, sob a liderança d'A Mãe e de Sri Aurobindo. Constitui hoje uma grande experiência cosmopolita na medida em que atrai gente de todas as partes do mundo e de diversas raças, neste espaço que, embora no território da Índia, dela tem autonomia, as pessoas constroem seu próprio espaço e suas vidas dentro de uma forte consciência coletiva e de cooperação. O resultado é uma sociedade equilibrada, um espaço urbano humanizado e edificações ecologicamente adaptadas, cuja grande meta é a busca da verdade. O "Matremandir", centro coletivo de meditação é o grande ponto focal de Auroville e representa a união coletiva com esta busca da verdade.

Do exame de tantas obras e autores, alguns frutos de esforços individuais, outros de atitudes coletivas, observamos que a Arquitetura está profundamente relacionada com a existência espiritual do homem, desde seus primórdios, onde a função de proteção não se desvinculava da idéia de fundação de um mundo pleno de significado.

É desta lição histórica que se depreende que a abordagem holística na Arquitetura não é uma novidade ou um movimento estilístico, mas sim o resgate de um procedimento fundamental na atitude do homem quando ele estabelece sua morada no mundo.

CORPO – A CASA QUE HABITAMOS

O limitado dá forma ao ilimitado

Heloisa Gama de Oliveira

Nosso corpo está imerso, estruturado em um espaço que não é unidimensional e específico, mas pleno de multiplicidade e interconexões. Simultaneamente move-se e trabalha em um espaço tridimensional, vê através de um espaço espelular, toca e deseja através de um espaço topológico, comunica-se no espaço simbólico e transcende na dimensão espiritual.

Nossa existência se concretiza em todos estes níveis como uma existência espacial. Não é por acaso que as palavras *edifício, morada, existência* possuem a mesma raiz em alemão.

O sentido de tridimensionalidade que nos é fundamental está alicerçado em nossa experiência corporal — "CASA INTERNA" — e se torna a base para o sentimento que experimentamos nos edifícios, nas cidades, na paisagem — "CASA EXTERNA".

Para se referenciar na sua existência concreta o Homem parte de uma base horizontal — A TERRA — na qual é o eixo vertical, ligação entre o baixo, lugar de onde emergiu e o acima, para onde se eleva.

Assim também são as orientações para as formas primordiais arquitetônicas que resultam das direções do espaço, e como seu corpo, fazem o elo entre o subterrâneo, a terra e o céu.

Porque vemos uma coisa em outra — o espaço numa taça, o céu como uma taça invertida, o tempo no rio que corre — porque preenchemos o vazio com a substância do nosso imaginário, constituímos um *mundo*: lugar dentro de um lugar mais amplo, simbolicamente concebido e no qual somos o *axis mundi*.

É essa visão que, ao estabelecer o salto diferencial da natureza animal para o *ser humano*, desenvolve a consciência da semelhança na diferença resgatando a *unidade fundamental*.

O primeiro símbolo humano como materialização de sua diferença é o *tótem*: "Corpo — Lugar — Universal". Como diz Cassirer, o antropomorfismo é a origem tanto dos mitos quanto das linguagens. Neste símbolo originário, não é difícil ver o nascimento das noções básicas da Arquitetura, como a medida das relações sociais e físicas, noção de centro, referência e finalmente, identidade de identidades.

Em todas as épocas e lugares os *ritos* e os *mitos* utilizaram a arquitetura como meio para expressar o caminho do nascimento à morte e o ciclo da nossa existência na estreita ligação corpo — natureza.

A unidade que compartilhamos com a natureza, com as plantas

e animais é visível, no fato de que nosso crescimento, assim como o deles parece ser regido pelo mesmo princípio e tem início num centro único de uma espiral logarítmica. Nossa ritmo vital, compartilha os mesmos padrões de ondas do ritmo cósmico, como a respiração e as ondas cerebrais, o que exemplifica um epígrama atribuído a Pitágoras: “*O limitado dá forma ao ilimitado*”.

Assim é nosso corpo, forma circundante e lugar de manifestação da nossa alma. Assim é a arquitetura, ao encerrar limites do grande vazio, do incognoscível.

“Sem o laço entre o sensível e o intangível que articula o desejo, a nossa existência corporal não teria sentido, e nos abandonaria totalmente a um tempo sem espaço, ou a espaço sem tempo, resultando em ambos os casos na alienação da autonomia do sensível ou do inteligível, nolugar de intercomunicá-los, ao nos comunicar.” (J. Bruaire.)

Nosso corpo, como um elo é a presentificação entre a memória ancestral e o futuro, assim como os mitos e os ritos gravados nas pedras e nas estruturas dos edifícios ao longo dos tempos.

Se observarmos a História através da metáfora corporal, vemos aparecer ao longo do percurso da arquitetura a simbologia casa — corpo. A casa de Deus, na Igreja Cristã, como o corpo de Cristo. No Tibet, onde a casa de 6 janelas faz alusão ao corpo com seus 6 sentidos.

Na arquitetura dos templos gregos, assim como nas *stupas* budistas, vemos presentes, as relações áureas que manifestam, através da pedra, nossas origens e nossas relações cósmicas; o templo pagode japonês de Yakushiji revela ondas de relações proporcionais que pulsam através do corpo inteiro do edifício como se ele fosse um ser vivo.

Gaudi, foi um dos arquitetos que melhor soube expressar este enlace profundo entre a matéria do lugar e a vida.

A sabedoria chinesa nos fala do princípio primordial de tudo o que existe o *T'ai-Chi* que no sentido original significava *viga mestra*, e de como podemos fazer passar sem constringir esses fluxos da natureza através do nosso corpo, como mover-se com o ar e com a água através do *Tai Chi Chuan*, que representa os movimentos dos 64 hexagramas do *I Ching*, o livro das mutações.

Na obra de Gaston Bachelard, *A Poética do Espaço*, a casa é comparada ao ser interior e aos seus diversos estados da alma; o porão, aludindo ao inconsciente, o térreo aos estados cotidianos do ego e o sótão ao olhar do superego.

A casa, como o corpo, aparece como representação de si próprio, a concretização do processo de individualização e a identificação casa - pessoa surge como a representação do desenvolvimento da consciência. No dizer de Jung, “a casa em sintonia com as transformações pessoais e a concretização das idéias arquetípicas é um símbolo da totalidade psíquica e do eu superior”.

Ainda que não possamos ver o interior do nosso corpo, o certo é que temos lembranças de um universo interior formado pelas experiências que tornamos do ambiente e incorporamos ao nosso sentimento de identidade, ao longo de toda uma vida de confrontações pessoais com o mundo. O centro da casa, como o do corpo são os lugares que guardam os sentimentos mais profundos que vão se sucedendo ao longo do tempo, e as mesmas qualidades que se aplicam à casa podem estender-se à cidade, ou ao lugar onde habitamos.

A palavra ecologia tem suas raízes no grego e significa o "estudo da casa, da morada do Homem". - A vivência e consciência desde a fisiologia do nosso corpo às infinitas variedades e delicadas interdependências da totalidade da vida na nossa grande casa - a Terra.

Inúmeras religiões concebem o princípio, segundo o qual, duas forças opostas geram o nascimento de uma terceira, independente das iniciais e que se manifesta além do mundo perceptível, numa zona imaterial. É a lei da criação e da evolução que se aplica tanto ao homem quanto à arquitetura - estas duas forças fundamentais nos termos desta lei da totalidade são a *estrutura* e a *forma* que são transcendidas pela terceira, a *força espiritual*.

Na arquitetura, segundo Justus Dahinden, arquiteto suíço, vemos: a *estrutura* como a concretização da arquitetura no seu caráter natural e artificial. Sua eficiência estrutural biológica depende da medida na qual os materiais empregados contribuem para assegurar a saúde do homem. Outra, a sua função protetora, o espaço deve garantir a compatibilidade com o meio ambiente. Enquanto sistema auto-regulado, a arquitetura é como a terceira pele do homem.

Nesse sentido a Arquitetura pode ser vista como análoga à Teoria da Integração Estrutural de Ida Rolf e do funcionalismo orgonômico de Wilhelm Reich. Ambos concebem a saúde do corpo como uma condição que combine a livre respiração: "*o contato pleno entre o vivo e o que é vivido*" e um equilíbrio estrutural auto-regulado.

A *forma* é percebida por nossos sentidos. A Arquitetura é um suporte sensorial, mobilizando as emoções. A forma é também informação. Ela comunica o sentido de uma estrutura.

O *espírito* permite à Arquitetura de transcender o caráter funcional da construção e as qualidades formais/sensoriais. Enquanto a mente racional e os sentidos permitem uma percepção limitada, o espírito humano aspira a imagens e associações transcendentais. Estão aí incluídos o mito e o rito que sempre impregnaram caráter e significado às estruturas mais perenes.

Concluindo com J. Dahinden, "a existência humana, e a sua imagem - o espaço - se complementam na dimensão espiritual. É somente aí que o Homem pode alcançar o objetivo supremo da sua auto-realização. É esta dimensão que pode criar o consenso no nível sócio-cultural".

ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA

Longe da Origem

José dos Santos Cabral Filho

Ruptura -- o pecado original

Sem dúvida que a idéia original que norteou o aparecimento do meio ambiente construído, tanto as edificações quanto as cidades, foi a criação de um lugar mais apropriado ao desenvolvimento da vida humana que a natureza em seu estado bruto; ou em outras palavras, um lugar que protegesse e propiciasse as interações sociais.

Este caráter de articulador e suporte da convivência humana, que transforma o lugar construído em uma expressão materializada da "ÉTICA" dos Homens, faz com que a invenção deste lugar alternativo ao ambiente natural ultrapasse a simples criação de abrigos e se transforme na construção de uma referência física e simbólica que vai marcar e orientar a presença do Homem no planeta.

Do sagrado e do erótico na arquitetura

Se por um lado podemos dizer que a arquitetura em sua origem representava uma ruptura com o ambiente natural, pois buscava a inovação e a transformação, por outro, podemos pensar num caráter erótico e sagrado do objeto arquitetônico. Erótico quando através de um ato, o de construir, concretiza a energia de EROS, que é o desejo de preservação da vida; e sagrado quando permite ao Homem se reintegrar ao mundo natural, ou seja, reconquistar a paz com a natureza.

Desta forma, junto à idéia profana de "ruptura" encontramos o conceito sagrado de "religar", presente no fundamento dos lugares construídos.

O desaparecimento da construção ritualística

Com o advento da cultura moderna, que se caracteriza pela fragmentação e especialização e, portanto, carente de referências integradas, o nosso cotidiano precipita-se num estágio de exarcebação consumista, onde a velocidade de substituição de idéias e objetos beira o desvairio, onde se destitui com ânsia o conceito elaborado anteontem.

O modo de ação do arquiteto contemporâneo vai se tingir dessas cores e a idéia de uma arquitetura íntegra e coerente em uma corporeidade

física-conceitual fica cada vez mais distante. Talvez as catedrais góticas tenham sido as últimas obras de coerência pré-cartesiana, pois a prática de uma construção ritualística, capaz de integrar o Homem ao seu mundo, termina quando Brunelleschi fragmenta o processo arquitetônico isolando a concepção da execução, o projeto da construção.

Esta perda da dimensão sagrada nos ambientes construídos, que “religava” o Homem ao universo natural, chega a colocar em risco até mesmo o aspecto erótico da arquitetura dos lugares, quando ameaça o desejo primordial de preservação e de continuidade da vida, como por exemplo nos conjuntos habitacionais considerados impróprios para moradia por profissionais de saúde.

O lugar fractal – sem tempo e sem espaço

Assistimos, então, a uma fragmentação do conceito de lugar. A “casca” de nossa cabana ou caverna arquética começa a ser vazada por complexas evoluções tecnológicas que corroem a idéia tradicional de lugar e instauram um lugar fractal. Aparelhos eletrônicos resumem metros cúbicos de arquivos em milimétricos circuitos, abreviam o trabalho de meses em fração de segundo e colocam em contato íntimo lugares e culturas distantes, rompendo de vez com a tranquila linearidade que havia entre espaço e tempo, correlação que até hoje sediava o conceito de lugar.

O império das imagens planas

Para além do “lugar fractal”, a proeminência dada à comunicação em sua forma telemática, onde a “presença: conta menos que a “informação” transmitida, vai exigir da arquitetura uma mudança brutal de seus valores. Até então, estes se baseavam numa espacialidade erótica, “fálica” mesmo no sentido de sua positividade e presença heróica, capaz de conectar o profano e o sagrado, capaz de ligar valores de uso a valores simbólicos. A arquitetura vai, assim, se permear de valores ligados à imagem virtual e à comunicação telemática. Não mais um espaço envolvente, mas apenas uma imagem sem profundidade como a imagem da foto, do vídeo ou do cinema.

Este império das imagens planas, sem relevo, que o corpo não consegue mais adentrar, nem os olhos podem tatear, impede a consciência mais ampla do ambiente. Desertas e explícitas, nestas imagens só cabem elas mesmas; o subjetivo se distancia, o sujeito não encontra lugar. Tais imagens, que como salienta o filósofo Nelson Brissac “só mostram o visível”, vão introduzir a arquitetura no rito consumista: formas triviais, de baixo conteúdo e significação, que se prestam a uma fácil comunicação, a uma rápida assimilação e a uma imediata banalização.

Longe da Origem

Assim, a inserção da arquitetura na cultura contemporânea se dá de forma problemática quando seus princípios originais - permanência, duração, profundidade - se defrontam com a idéia do descartável, da obsolescência precoce e do imaginário sem relevo.

Há um declínio das razões básicas que ocasionaram a criação dos lugares construídos. O conforto dos ambientes, por exemplo, em seus aspectos físicos (temperatura, ventilação, luminosidade, etc.), passa a ser ignorado, dando lugar aos aspectos da aparência imediata, ou seja, da "superfície da imagem". Isto propicia um planejamento irresponsável que, aliado à apologia do descartável e da obsolescência precoce, vai elevar o consumo energético pelo desperdício e uso inadequado de materiais, assim como pela aplicação de técnicas dispendiosas.

Este distanciamento da origem termina por nos levar à crença em uma espécie de "pecado original", uma ruptura que teria nos tirado do paraíso e instalado uma impossibilidade relacional entre mundo natural e o mundo construído, quando na verdade o sentido arcaico da edificação é exatamente o contrário: viabilizar a interação entre a cultura do Homem e a natureza "selvagem".

De volta ao sagrado

Mas se nossos lugares foram "fractalizados", implodidos em sua corporeidade e em sua integridade erótica, como fazer para recuperá-los? Como construir novas catedrais, onde possamos vislumbrar de novo a face do sagrado?

Certamente não será no bojo de todo este imaginário frenético propagado pela mídia; nem será num futuro virtual após a precipitação de nosso sistema, como crê Baudrillard; e muito menos num impossível retrocesso romântico, como querem alguns.

Provavelmente será com um resgate da função original da arquitetura e com sua atualização, sua adequação ao nosso tempo, à nossa linguagem, à nossa cultura. Somente a reconquista da totalidade erótica do espaço construído, em sua função de continuador da vida sobre o planeta, nos permitirá encontrar um novo ritual que, inserido num mundo telemático, consiga nos conectar às forças básicas do universo, consiga recolocar o caráter sagrado de nossa existência e assim, reunir de novo a matéria ao espírito.

RELAÇÕES URBANAS **ecologia urbana e social**

Maria Cristina Teixeira Perocco

A Biosferavem apresentando aceleradas modificações em certos espaços descontínuos de si mesma, em correspondência com um sistema de pontos singulares da superfície terrestre, que polarizam fluxos migratórios humanos em intenso processo de urbanização que constituem a *Urbosfera*, espaço onde concentram as contaminações provenientes do trabalho e resíduos da atividade humana, acelerada não só pela evolução técnico-científica como também pelo progresso social. A relação do homem com este espaço "construído" abala os já frágeis ecossistemas.

No relacionamento inter-urbano, crescentes fluxos de veículos individuais congestionam os colossais eixos viários. Os vastíssimos terminais - aéreos, terrestres, marítimos - acolhem ou expelem colossais veículos, ruidosos ao extremo; uns, famintos do escasso oxigênio das grandes alturas, outros repletos de cargas volúveis que, ao menor acidente, provocam grandes danos ao ambiente.

No relacionamento intra-urbano, altas densidades geram imensas demandas de espaços destinados às funções urbanas de transporte, lazer, trabalho, educação e cultura. A carência de abrigos que se destinariam à habitação, assim como às demais funções urbanas, se deve não só ao prematuro absletismo dos edifícios existentes, como principalmente à ausência de investimentos que são desviados para explorações gananciosas da natureza, estimuladas por incentivos oficiais baseados em práticas desenvolvimentistas preconceituosas, ultrapassadas em seu sentido social e humanístico. A organização espacial se retrata no caos, no congestionamento. Nas áreas centrais das cidades, vias capilares remanescentes de períodos anteriores recebem extensos paredões perimetrais que reverberam e amplificam ruídos a intensidades intoleráveis, obstruem brisas saneadoras das emanações de veículos, funestas à vida que já exigem a importação hoje ainda em invólucros de recarga de oxigênio, mas em futuro próximo, mediante dutos - que à semelhança das atuais gigantescas adutoras hídricas - do ar puro captado nas cada vez mais raras e distantes regiões ainda *in natura*.

As reações do meio-ambiente caótico vêm se retratando com incidência crescente nas estruturas físicas e psíquicas do homem que, por sua vez expressa completo descompromisso com o seu habitat.

Nascimentos prematuros, órgãos atrofiados - em especial a mais aperfeiçoada forma da matéria, o cérebro - comportamentos anômalos, culminando com a violência coletiva, emergente como fenômeno social, implicam em transcedência de valores, considerações interdisciplinares e multifacetadas ante a evidências irreversíveis do desenvolvimento social e tecnológico.

Contínuos e progressivos contingentes humanos em busca de novos valores, aliados ao sonho de **melhores** perspectivas de vida alardeadas pela mídia deslocam-se no sentido das grandes concentrações, que os absorve em condições ausentes de infra-estrutura, insalubres às condições vitais do ser humano.

Apesar de constatações tão negativas, fatores emergentes positivos vêm despontando por todas as partes, consubstanciando-se em novo estilo de pensamento que, como a história confirma, resulta em nova lógica de elaborações fundamentais, novos processos tecnológicos que certamente gerarão uma nova metodologia geral de harmonização do sistema homem-natureza.

O humanismo, inevitável resultado da conscientização que se generaliza seria, em breve, a premissa maior das atividades humanas, surgindo em consequência, novas esperanças de vida e, no seio das mesmas, o homem em seu conteúdo integral físico, mental e espiritual.

A PONTE

William Ramos Abdalla

São duas as vertentes maiores do conhecimento humano: a visão do mundo *racional intelectual* e a visão de mundo *racional orgânica ou intuitiva*. Elas persistem até nossos dias como antinomia filosófica.

A visão orgânica vem sendo resgatada pela *holística*, já que esta se orienta em direção à concepção unitária de universo, denominada em filosofia de *monismo*.

No âmbito do monismo, a holística vincula-se mais especificamente ao *monismo do pensar*, que considera o pensamento como *fenômeno primordial e arquétipo universal*.

O monismo não fragmenta o universo na análise de suas partes, quem assim procede é a filosofia denominada de *dualismo*. “Este, fundamenta a idéia apresentada pela mecânica newtoniana, de que o universo se compõe de blocos separados de construção da matéria, já fora de moda desde o alvorecer do século XX. São inúmeras as provas científicas de que estamos todos sempre interligados. Não somos seres separados; somos seres individualizados. Nossos antigos modos newtonianos de pensar é que nos conduzem aos conceitos de separação do todo.”

O dualismo filosófico é a essência do *paradigma moderno cartesiano*.

O monismo *sintetiza* o universo na unidade, onde as partes espelham o todo e vice-versa; ou melhor, “esta afirmativa baseia-se na idéia de que a individualização e a totalidade são a mesma coisa. Isto é, *a priori*, o todo é construído das partes individuais e as partes individuais, portanto, não só são parte do todo, mas também, como um holograma, são o próprio todo”.

Existem várias correntes filosóficas dualistas e monistas também. Neste texto, a atenção deve ser voltada para o monismo do pensar como princípio básico, diferindo, por conseguinte, do monismo da matéria (materialismo), do monismo do espírito (espiritualismo), do monismo celular (novo materialismo), e muito mais ainda, das correntes do pensamento dualista.

O monismo do pensar é a essência do *paradigma holístico contemporâneo*.

O paradigma holístico rompe com a idéia do paradigma anterior a ele, mas não o elimina; ao contrário, complementa-o.

Hoje, a transição do paradigma moderno - representado pela

visão intelectual, possivelmente, para o paradigma holístico - representado pela junção de ambas as visões, intelectual e intuitiva, efetiva-se através dos reclames mesmos, das *realidades que aí estão*, exigindo respostas, soluções, em todas as áreas do conhecimento humano, negligenciados pelo paradigma moderno, mecanicista e reducionista.

A arquitetura moderna de modo geral, fundamentou-se nos princípios racionais intelectuais e apresenta pouquíssimos exemplos de arquiteturas orgânicas.

Urge conceituar na educação prática do pensamento e realidade e seus reclames, sem pré-conceitos de estilos, que muitas vezes são vazios de conteúdo e calcados em modelos pré-concebidos, alheios à essência, verdade e eternidade das realidades em questão.

Urge repensar o homem e a tão decantada escala humana, enraizada nos princípios fragmentados da separatividade do modernismo.

Urge repensar a Arquitetura como meio ambiente edificado ou não, num contexto ecologizado e não centrado no homem (antropocêntrico)... desenhar com a natureza e com o usuário e funcionar como arquitetos facilitadores, ponte para a síntese de ambas as realidades, do usuário de um lado e do meio ambiente do outro.

A casa não é uma máquina de morar, contrariando a metáfora "corbusiana", ela é, sim, um organismo vivo.

O método de trabalho holístico tem por objetivo permitir que o potencial latente em uma *idéia* se efetive, até sua máxima potencialidade.

Idéia é o ímpulso que se manifesta como resposta inicial à solução de uma realidade em estudo; é o embrião que contém toda a solução, até seus inúmeros detalhes. Para desenvolvê-la até suas últimas consequências, utilizamos a *observação pensante*, ou seja, a conceituação e percepção simultâneas da realidade em estudo.

A atitude filosófica acima, demanda do observador sensibilidade e ausência de preconceito na observação, dando à natureza oportunidade de se manifestar através do observador.

Esta atitude de observação de fenômeno é denominada de "observar à maneira de Goethe", que se fundamenta na cognição de mundo, segundo a qual, as *idéias* vêm primeiro do que as coisas, portanto, as "coisas" são feitas segundo "idéias"; consequentemente, podemos retirar "idéias" das "coisas", à semelhança de retirarmos água de um recipiente.

A observação pensante desperta nossa *razão intuitiva*, ou pensamento vivo – pensamento científico espiritual, cerne desta metodologia, que considera a mente humana como uma antena, um órgão de percepção de idéias e não como um recipiente que as contém – similar aos olhos, que não é à visão em si, mas um meio para ela se manifestar.

Princípios básicos da metodologia holística

Ritmo - é o fluir da energia da vida, são os princípios e leis da natureza consubstanciado na polaridade, metamorfose e sincronicidade.

Polaridade - é a força de equilíbrio dinâmico entre contrários, força de coesão da natureza. Por exemplo, o trabalho de equipe e sua interação com as *ídéias*, definem uma polaridade. De outro lado, a *vivência* do trabalho de equipe em si, e a polaridade da idéia em particular, definem uma bipolaridade.

Metamorfose - são os diversos estágios de transformação pelos quais a idéia evolui até sua maturação final.

Sincronicidade - é a interação da parte no todo, e vice-versa, que permite ao embrião conter toda a solução, suas respectivas partes até seus mínimos detalhes.

Visão não unilateral - é o enfoque da realidade em estudo, através de uma abordagem sem prevalência, tanto a nível dela própria, quanto das disciplinas necessárias à sua solução.

Organização espacial - é o trabalho a nível da organização dos espaços de assentamentos humanos, ecologizados e não antropocêntricos, sendo o espaço a substância essencial do trabalho de arquitetura, urbanismo e paisagismo.

Motivação - Processo - Resultado

Estágios do trabalho de equipe ou individual, contando-se com a participação ativa do usuário. Cada um destes estágios tem grau de importância no processo de trabalho*.

Motivação	Processo	Resultado
Por quê?	Como	O quê?
Força	Qualidade	O objeto
Invisível	No decorrer do trabalho	Visível no trabalho
Motivação	Disciplina/Fidelidade	Satisfação
Verbo	Adjetivo	Substantivo

* Desafios para uma pedagogia social, Alexander Bos, Edit. Antroposófica.

A Palavra – nessa metodologia, a palavra é fundamental, pois se estamos a nível de trabalho em equipe interdisciplinar, temos que falar em voz alta e audível, ao vivenciar as situações e problematizações. Cria-se uma imantação transpessoal ao se trabalhar com ela, mediando o pensar e fazer simultâneos – é como se observássemos o próprio pensamento em ação, substância diáfana e espiritual se manifestando através dela.

2

**SIMPÓSIO: "ASSENTAMENTOS HUMANOS PARA
O III MILÊNIO"**

II CONGRESSO HOLÍSTICO INTERNACIONAL

10 DE JULHO DE 1991

- *Flávio de Lemos Carsalade* (moderador)
Arquiteto
Vice-Diretor da Escola de Arquitetura/UFMG
- *Ping Xu* (debatedora)
Arquiteta e Urbanista
Mestre pela Universidade de Tsinghua (China)
Mestre pela Universidade da Pennsylvania
Doctor of Design pela Universidade de Harvard
- *William Ramos Abdalla* (debatedor)
Arquiteto e Urbanista
Professor pela UnB
- *Maurício Andrés Ribeiro* (debatedor)
Arquiteto
Secretário Municipal do Meio Ambiente de Belo Horizonte
- *Celina Albano*
Professora de Sociologia da UFMG
PhD em Sociologia (University Manchester)
Secretária da Cultura do Estado de Minas Gerais

INTRODUÇÃO

A Arquitetura é uma ciência abrangente por sua própria natureza. Nela encontramos a integração e síntese de conhecimentos humanísticos, tecnológicos, biológicos e artísticos. Ao longo da história, vemos que a Arquitetura se distanciou de suas funções originais de criação de um microcosmo que abrigasse o homem das intempéries, ao mesmo tempo em que acolhia o seu espírito. Em uma escala maior, as cidades se tornaram opressivas, massificadoras e geradoras de problemas sociais e ambientais de toda ordem. A ruptura fundamental se deu ao longo do século XX, onde a “*maquina de morar*” relegou a segundo plano aspectos importantes da Arquitetura e Urbanismo, criando fortes rupturas por sua unilateralidade na abordagem.

A Arquitetura e o Urbanismo modernos brasileiros vivem o impasse da era tecnológica moderna devido aos altos custos de manutenção e administração das edificações, associadas aos custos da construção civil e agravados cada vez mais pela crise energética.

Tornam-se imperativas ações e idéias em prol da mudança do paradigma moderno na direção do paradigma contemporâneo e holístico, através da substituição do modelo cartesiano e mecanicista de se pensar a Arquitetura por outra abordagem que acolha os aspectos de significado, energia e meio ambiente de uma forma integrada aos aspectos da tecnologia.

O presente seminário se propõe a discutir esta questão, considerando-a sob o tema “*Assentamentos Humanos Para o III Milênio*”, a partir da constatação de que a questão urbana não se dissocia da questão rural ou da produção do edifício, em particular, como também não se dissocia das questões de abastecimento, energia e disposição de rejeitos.

Carlos Solano de Paula Carvalho
Célio da Silveira Firma
Flávio de Lemos Carsalade
Heloisa Gama de Oliveira
José dos Santos Cabral Filho
Maria Cristina Teixeira Perocco
William Ramos Abdalla

CONFERÊNCIAS

Flávio de Lemos Carsalade (Moderador) — Vamos dar início ao Simpósio Assentamentos Humanos para o III Milênio e convidar os conferencistas desta tarde: Celina Albano; Maurício Andrés Ribeiro; Ping Xu e William Ramos Abdalla.

Para situar esse simpósio dentro do Congresso Holístico gostaria de falar algumas coisas a respeito da Arquitetura e do Urbanismo, que são ciências com uma abordagem abrangente pela própria natureza.

Na síntese arquitetônica o arquiteto acaba sintetizando conhecimentos de toda ordem, sejam eles de tecnologia, sejam eles de biologia, de climatologia; conhecimentos de todas as áreas humanísticas, artísticas, etc.

Curioso é que embora seja uma disciplina de síntese, e seja um momento importante de integração de conhecimentos, nem sempre a Arquitetura cumpriu essa função integradora no que diz respeito ao homem.

Durante a história, o que a gente consegue perceber é uma dissociação grande, muitas vezes entre o homem e a sua casa, na medida em que a casa passa a ser o lugar do abrigo apenas do corpo físico e a não ser mais o lugar para abrigar o espírito também. Tanto é que na arquitetura modernista, na arquitetura do início do século, a casa virou a máquina de morar, quer dizer, assumiu essa função utilitária mais do que outras funções importantes ligadas ao homem. E a febre tecnológica fez também com que a arquitetura começasse a depender excessivamente dos equipamentos de controle climatológico, como ar condicionado, equipamentos de climatização artificial, etc. Tudo isso gerou um grande impasse na arquitetura atual e o que a gente viu foram aspectos ligados ao significado da arquitetura, energia e relação com o meio ambiente, serem relegados a um segundo plano em função da febre tecnológica.

Esse simpósio pretende discutir assuntos dessa ordem, assuntos ligados à questão do significado mesmo da arquitetura e do urbanismo, aspectos ligados à energia e da relação da arquitetura e meio ambiente, lembrando que a questão urbana não se dissocia da questão rural. Na realidade são duas faces de uma mesma moeda, ou mesmo da produção do edifício; que abastecimento, energia e disposição de rejeitos têm que ser pensados também de uma forma global como participantes de um todo.

São só algumas palavras introdutórias e eu queria passar a palavra primeiro à Professora Ping Xu.

Ping Xu (Tradução: arquiteto Fernando Hermanny Costa) – Estou muito feliz de estar aqui e para compartilhar o interesse sobre *feng-shui* com vocês.

O *feng-shui* traduzido diretamente do chinês significa o vento e a água.

Carsalade: – antes de Ping continuar, só queria colocar algumas questões. A Ping vai falar sobre o *feng-shui*, que é uma metodologia tradicional de arranjo territorial que tem fundamento na tradição chinesa. É um *approach*, mais do que uma metodologia. É um *approach* que serve tanto para articulação da paisagem, quanto articulação urbana, quanto articulação da casa que é chamada de *feng-shui*. Então ela vai colocar essa disposição mais em relação a essa tradição chinesa.

Ping Xu: – *Feng-shui* é uma arte chinesa para harmonizar as pessoas consigo próprias e com o meio ambiente. A minha pesquisa mostra que o *feng-shui* é um método, uma metodologia holística para o planejamento ambiental.

Para começar o *feng-shui* envolve tanto aspectos físicos como aspectos espirituais. O *feng-shui* ainda mantém a importância do sentido instintivo. E atualmente a maior parte desses modelos de planejamento já esqueceu esse lado instintivo do homem.

O *feng-shui* vai da grande escala para a pequena escala. Considera desde uma cordilheira ou uma cadeia de montanhas até uma pequena casa, uma simples casa. Além disto, vê a paisagem mais focalizando as relações horizontais, ao contrário das metodologias mais modernas que se concentram mais nas relações verticais, como por exemplo, a hidrologia, a vegetação, o solo, etc.

Primeiro vocês vão ver como o *feng-shui* moldou a paisagem chinesa e depois eu vou dar também um breve apanhado histórico do *feng-shui*, então, mostrar como isso se aplica na paisagem americana.

O *feng-shui* tem uma história muito antiga na China, mais do que milenar. As pessoas usavam o *feng-shui* para, por exemplo, escolherem o local para suas casas, para os túmulos e também para as cidades.

Pequim por exemplo, que é a atual capital da China, já foi também capital da China durante três dinastias, e as pessoas dizem que Pequim tem o melhor *feng-shui* no mundo, eu não tenho tanta certeza se isso é uma verdade. Em Pequim, por exemplo, há uma cadeia de montanhas atrás da cidade, protegendo-a, é também a proteção das duas penínsulas no mar e a água à frente da cidade e, como um ponto focal na distância, a ilha do Japão.

Hangzhou, que foi a capital da dinastia Song, é uma cidade famosa, de onde provêm vários intelectuais e também mulheres muito bonitas, porque as pessoas pensam que aí há um bom *feng-shui*.

O *feng-shui* não é usado apenas para escolher um local. Ele é usado também no planejamento, no *design*. Por exemplo o *design* do planejamento, dos jardins e da terra ele pode criar um bom *feng-shui*. E por esse motivo talvez, vocês podem notar que em todos os jardins chineses a presença da água é introduzida pelo homem. E o *feng-shui* não era usado apenas para escolher os maus lugares para os estrangeiros. Isso agora, na dinastia Qing, que o governo então contratou os mestres de *feng-shui* para acharem aqueles lugares que seriam ruins para concederem aos estrangeiros.

Em Guanyzhou eles escolheram aquele local chamado Shamian que já era um local úmido e quando eles construíram essas casas, tornou-se um lugar muito impróprio para habitações. Então os britânicos, que eram as pessoas que ocupavam essa área, viram como que o *feng-shui* realmente estava funcionando e daí surgiu o primeiro livro sobre *feng-shui* há 200 anos atrás escrito pelos britânicos.

Eles usam também o *feng-shui* para criar por exemplo, aí nesse caso, eles usam as formas do *feng-shui* que aí seriam o Baguá que foi usado para criar esses jardins do imperador em Hangzhou.

No palácio de verão em Pequim, é muito clara a influência no *design* do *feng-shui*. Mas nenhum livro menciona isso.

Esse é o parque, vocês estão vendo a planta, que é totalmente construído pelo homem. Eles escavaram o lago e usaram o solo para construir as montanhas. A declividade é voltada para o sul, em frente ao lago, e há também um pequeno riacho sinuoso. A parte sul, no caso, seria onde está o sol. E uma pequena ilha em frente funciona como a montanha oposta, que é um dos princípios do *feng-shui*.

O profissional que lida com o *feng-shui* é chamado Mestre do *Feng-Shui* e hoje em dia na China há muitos poucos e quando eu estive na China, cerca de três anos atrás, eu tive muita sorte de encontrar com um.

Agora, a segunda parte, o que é o *feng-shui*? Na verdade o *feng-shui* envolve todos os aspectos da vida chinesa. A minha pesquisa teve que se concentrar num campo muito reduzido. Basicamente o *feng-shui* é dividido em duas partes: a casa Yang, que lida com a arquitetura, com as residências; e a casa Yin que é o *feng-shui* que lida com os túmulos, a parte dos mortos.

A parte Yang do *feng-shui* está mais diretamente ligada à arquitetura e a parte Yin mais diretamente ligada ao paisagismo, e em comum eles têm a parte da seleção do sítio, que usa os critérios de classificação das montanhas, das colinas, a água e o lugar em si.

O *feng-shui* também é dividido em duas correntes principais. A primeira seria a escola da forma, que lida com as formas naturais do terreno, a sua conformação; e a segunda seria a escola da bússula, que lida mais com orientações, e a minha pesquisa é mais voltada para a escola da forma.

No *feng-shui* os critérios adotados para escolha de um bom lugar para casas ou para túmulos é semelhante. Nesse slide, por exemplo, vocês podem ver uma residência à esquerda e túmulos à direita, atrás deles há uma montanha e eles estão voltados para o sul, e em frente a eles, a presença da água.

O *feng-shui* tem um sistema próprio de pensamento que é muito diferente do pensamento ocidental. Basicamente ele pode ser dividido em quatro partes. Esses são os conceitos: o primeiro seria o do *Chi*; o segundo do *Yin-Yang*; o terceiro dos cinco elementos e o quarto as formas da paisagem.

O *Chi* que muitos de vocês já devem saber, é um termo típico chinês que pode ser traduzido como o fluxo da água ou o fluxo da energia.

No *feng-shui* eles tentam achar os locais favoráveis assim como na medicina chinesa, na acupuntura, eles tentam achar os pontos de pressão.

Essa gravura foi tirada de um livro antigo do *feng-shui* e ele compara o *feng-shui* com as pessoas, com o homem.

Os chineses acreditam numa terra viva, assim como o corpo humano. As montanhas seriam como os ossos. Os rios, a água, seriam o sangue; e a vegetação como o cabelo, que cobre todo o corpo. Os chineses prestam atenção especial ao cabelo, porque eles acreditam que um bom cabelo é um sinal de uma boa saúde. E no *feng-shui* eles acreditam que uma boa vegetação é um sinal de *feng-shui* favorável.

Outro conceito é do *Yin-Yang* e de acordo com o meu conhecimento, a maior parte dos livros em inglês trazem conceitos errôneos a respeito do *Yin-Yang*. Agora lembrem-se: as montanhas são *Yin* e a água é *Yang*.

Os antigos chineses pensavam que os céus são o pai e a terra, a mãe. Os céus trazem a chuva à terra assim como o pai fertiliza a mãe e produzem tudo, incluindo a nós mesmos.

Não importa o que é *Yin*, o que é *Yang*, mas para se fazer uma pesquisa *feng-shui* vocês têm que ter esse conceito claro.

Outro aspecto, outro conceito seriam os cinco elementos e vocês podem ver que esses elementos estão presentes na vida chinesa e muito fortes também na medicina chinesa. Os cinco elementos incluem o fogo, a água, o metal, a terra e a madeira. Eles incluem aspectos abstratos tanto quanto aspectos físicos. E no *feng-shui* eles usam esses cinco elementos para classificar as montanhas. Se a montanha tem forma pontiaguda ela é chamada de fogo, se ela tem formas mais suaves, mais onduladas, ela é chamada de água.

E o quarto conceito é chamado a forma. Esses conceitos, o *Chi*, do *Yin-Yang* e dos cinco elementos são usados para julgar essa forma.

E a forma é dividida nos dragões, que são as montanhas, as

colinas. O verdadeiro dragão é aquele que começa num pico que é chamado de "bisavô" e depois ele vai evoluindo para um outro pico chamado de "o avô", e depois deste, "o pai", até o local que seria o local escolhido, o seu local.

E o verdadeiro dragão, ele também segue essa forma. Primeiro ele tem a conformação do fogo, depois então para o metal e passa para a água ou madeira.

E na China vocês podem ver, reparar que sempre que há presença da água, as montanhas que a cercam são do tipo de água ou madeira.

E os chineses acreditam que se você perfurar a base das montanhas, as rochas, é como se você estivesse perfurando o osso do dragão e isso vai feri-lo e trazer má sorte.

Nas grandes muralhas da China, que vocês conhecem, a maior estrutura construída pelo homem, a única que pode ser vista da Lua, em muito poucos locais é difícil encontrar um local onde ela tenha ferido a rocha, onde ela tenha quebrado a forma natural do terreno. Esse tipo de crença torna a intervenção humana muito mais integrada à natureza.

Um outro conceito aqui seria o da montanha tigre, que significa o enclausuramento, como se fosse uma contenção do sítio, no sentido de abraçar o sítio. Então isso vai funcionar como uma proteção em forma de U, essas duas montanhas, o dragão e o tigre, protegendo o sítio dos ventos frios, mais freqüentemente voltados para o sul para receber a insolação favorável (devemos lembrar aqui que isso é uma pesquisa feita no hemisfério norte e o sul é onde está o sol).

E deve ser lembrado o sentimento humano, vocês podem ver, por exemplo, uma cadeira, que é sempre em forma de U, quando você está dentro dessa forma de U você se sentem muito mais seguro.

A água é o elemento mais importante no *feng-shui*. De acordo com o *feng-shui* a ausência de água implica num mau *feng-shui*. De modo geral a água retilínea é maléfica e os cursos sinuosos são favoráveis.

Se vocês viajarem pela China vocês vão ver que as aldeias, as vilas, são sempre localizadas próximas a esses cursos sinuosos e normalmente localizadas na parte de dentro da curva. E quem tiver conhecimento hídrico vai saber que esse lado da curva é o lado que recebe depósitos e o lado oposto seria o lado que sofre erosão.

Outra parte é a localização. De acordo com o *feng-shui* o bom sítio é sempre localizado ao centro de uma cadeia de montanhas.

Agora a última parte seria o uso do *feng-shui* para julgar a natureza nos EUA. Eu fiz uma viagem através do campo nos EUA durante dois meses e descobri que as fazendas antigas tinham boa localização em relação ao *feng-shui*. E os parques nacionais também muitas vezes localizados em locais de bom *feng-shui*. Desculpem-me

fazendo uma correção, não é a localização dos parques nacionais, mas a localização das áreas de *camping* dentro dos parques nacionais.

E também os assentamentos dos índios americanos estão normalmente localizados em áreas de bom *feng-shui*. Visitei aldeamentos e ruínas que mostram que eles sempre moraram em áreas de bom *feng-shui*.

Encontrei o modelo típico de *feng-shui* nos EUA no estado do Colorado. Era um sítio favorável que tem o dragão e o tigre abraçando o local. Ele é aberto em direção ao sul para receber a boa insolação. Ele possui água que corta o terreno em formas sinuosas e tem, ao sul, a visão de um pico que seria o que chamam da montanha oposta, que representaria o "bisavô". Isso significa que vocês estão tomando conta do bisavô e isso vai trazer boa sorte.

Agora um exemplo ruim seria a cidade de Aspen, uma das cidades mais ricas dos EUA atualmente, também no Colorado, e eu acredito que ela tem um sítio muito bom em termos de *feng-shui* e com grande beleza natural. Entretanto, um grande número de casas luxuosas estão localizadas em áreas de mau *feng-shui*. Em algumas localidades próximas a áreas de correntezas que, de acordo com o *feng-shui*, são desfavoráveis.

Eu criei um modelo computadorizado que compara esse modelo do *feng-shui* com o modelo já aceito pelos americanos e esses dois modelos quando comparados demonstram uma compatibilidade em mais de 80% em termos de áreas que são consideradas ruins para ocupação. Entretanto, as áreas consideradas boas têm uma semelhança de menos de 20% devido às diferenças culturais, os conceitos do que seria bom.

Esse modelo americano, que era o modelo de Bruce Hendler, apresentou uma grande eficiência em termos de custo de construção e de uso energético. Entretanto, de acordo com Hendler o *feng-shui* adota áreas hidrologicamente vulneráveis. Isso é devido ao fato de que o *feng-shui* foi criado por uma sociedade basicamente agricultora.

Como conclusão diremos que o *feng-shui* deve ser visto não como um detalhe ou um modelo, mas sim como um *approach*, um procedimento de se planejar que seria muito mais holístico, muito mais abrangente, que é um modo de pensar diferente. E eu acredito que se as pessoas aprenderem sobre essa história do *feng-shui*, sobre essa metodologia antiga, poderão descobrir o seu próprio *feng-shui*.

Muito obrigada.

William Ramos Abdalla - Todas as minhas investidas na área teórica foram de certa forma, para dar embasamento à prática de arquitetura.

Considero-me um arquiteto de prancheta.

Despertei-me para o conhecimento holístico na cidade de Bagdá,

quando trabalhava para a Promom Technical Services, firma brasileira vencedora da concorrência internacional para o detalhamento de onze estações centrais daquela cidade em 1984. A equipe inglesa, autora do projeto original, queria uma obra criativa, uma das razões pelas quais delegaram o trabalho à equipe brasileira. Fui arquiteto residente em Bagdá durante dois anos e meio, numa equipe de 100 arquitetos, sediada e chefiada através de São Paulo, por motivos de custos.

Por quê o primeiro contato com a Visão Holística? O Oriente Médio tem ligação profunda com o Extremo Oriente com seus aspectos simbólico, intuitivo e sintético, sendo intermediário entre este e o Ocidente que é analítico, racional e analógico. Vocês devem ter notado pelo método *Feng-Shui* da arquiteta Ping Xu como a intuição é um potencial natural na paisagem e no povo chinês, sem dicotomias entre ambos.

Ainda, pelo fato de estarmos no estrangeiro, num trabalho de equipe interdisciplinar, num projeto de Metrô, portanto, abrangendo desde a escala do urbano ao nível do *site planning* das entradas das estações, à de arquitetura ao nível das entradas propriamente ditas - de arquitetura de interiores ao nível do *subway* - e ao nível da engenharia técnica, verdadeira essência, sensacional, do projeto de Metrô, que não é tão aparente como as aparências da arquitetura. Finalmente, trabalhando para um cliente difícil, exigente e com grande capacidade gerencial, aliada à sua história milenar.

No início foi o caos, mas aos poucos fomos descobrindo a ordem "por detrás do caos", eliminando as unilateridades culturais, prevalências das técnicas do projeto e nos habituando "ao outro", ao cliente, que sabia defender muito bem seus objetivos.

Para representar a abordagem holística graficamente poderíamos recorrer ao desenho de um círculo, ou melhor, de uma espiral. A personalidade da arquitetura islâmica, a tradicional, dá-se também pela dinâmica circular, onde cada coluna de uma mesquita tem suas particularidades diferentes da coluna lateral, onde o prédio em si emoldura o espaço do usuário, ao invés de funcionar como objeto visual emoldurado na sua forma, onde a paisagem urbana harmoniza unidade e diversidade e vice-versa, de acordo com os princípios do Corão. A decadência da civilização iraquiana se dá pela desintegração da comunidade, originalmente agrária, em miríades de circunferências individuais, representativas da psicologia árabe, desintegra-se no ajuste ao novo modelo industrial. É importante termos em mente, durante minha exposição, adjetivos e expressões tais como: prevalência, unilateralidade, unidade na diversidade e vice-versa, usuário, o outro, etc., até o final desta exposição.

O momento atual é de crise, de expectativa, de transição. Os modelos da arquitetura moderna não resolveram os anseios da sociedade

moderna. A realidade reclama soluções urgentes. Neste particular faço minhas as palavras proferidas pelo colega Flávio Carsalade na abertura deste simpósio.

Como poderíamos abranger o curso dos acontecimentos, o curso do mundo por uma das pontas? Qua a metodologia a ser aplicada em arquitetura, segundo a abordagem holística?

Para respondermos a estas perguntas, temos que investir na arte dos conceitos, ou seja, na filosofia, mais especificamente na epistemologia, envolvendo estudos de teoria da percepção e do conhecimento. Como não sou filósofo, vou respondê-las apoiado em três pontos fundamentais do trabalho de arquitetura: A IDÉIA, A FORMA (coisa ou objeto concluído) e A REALIDADE. Vou respondê-las no transcorrer desta exposição tendo como contrapartida imediata, uma terceira pergunta, ou seja: como educar na prática nosso pensamento?

Nós nos acostumamos muitas vezes a repetir soluções, nos habituamos a raciocínios cristalizados. Elegemos desde o renascimento, séc. VI, a visão como órgão hierarquicamente superior e com ela a forma. Somos acostumados a uma visão formal desde as aparências de nossa educação até as da realidade. Acreditamos piamente nos nossos cinco sentidos (cinco ou doze). Dizem que o homem prático é aquele que está habituado a dar soluções rápidas aos problemas, pois, já as tem arquivadas no seu repertório. Vou lhes contar uma pequena história para esclarecer o que vem a ser uma mente prática: em meados do século passado, os correios ingleses usavam de uma burocracia complicada e enfadonha para registrar e enviar correspondências. Uma simples carta exigia livros e mais livros para ser enviada. Aí então um senhor chamado Hill, que não era ministro dos correios, muito menos funcionário e tampouco ligado aos correios, inventou o selo. Criou-se a maior celeuma. O ministro dos correios foi contra, argumentando que seria um absurdo adaptar o prédio dos correios ao volume de correspondências que certamente se avolumaria com esta solução tão simples. Ele queria adaptar o volume de correspondências ao prédio. Mas o *insight* de Mr. Hill, sua intuição, deu certo e temos aí o selo funcionando até hoje. Nossos prédios de correios é que se adaptaram ao volume de correspondências, que só cresceu.

Dizem que o homem prático é o que usa o intelecto, sua lógica linear. Ele elege a vista, o peso, a medida, ela quantifica, analisa, prevalecendo nosso consciente macho e esquerdo. Nosso consciente direito, aquele que sintetiza, usa de imagens, feminino, intuitivo, foi desprezado ou considerado secundário durante muito tempo.

A educação prática do pensamento, referencia-se a um novo tipo de percepção de mundo, a começar pelo entendimento do que vem a ser o pensamento. Quando seguramos na mão um pedaço de pão ou carne isto é uma realidade, enquanto um pensamento não passa de um

pensamento. Opina-se que, como não se pode corner pensamentos, nestes não são reais, mas “apenas” pensamentos. Nós comportamos frente aos nossos pensamentos autênticos como um espectro frente a um objeto. Se olhamos para a sombra de um objeto qualquer, essa sombra aponta o objeto, para a sua realidade. O mesmo acontece com os pensamentos. O pensamento humano é apenas a imagem projetada de representações mentais e entidades que se encontram num mundo superior. Nossa cérebro não é o pensamento, ele espelha o pensamento através de nossa consciência, o pensamento está fora de nossos cérebros. Nossas cabeças são antenas para contactá-lo. Não segregam pensamentos como o fígado segregava a báls. Intuição é o fenômeno, a faísca, luz, que permite a natureza pensar através do homem. Este enfoque muda tudo. É a chave para uma nova abordagem de uma metodologia a ser aplicada no trabalho de arquitetura e outros.

O realista ingênuo só acredita no que vê, na sua percepção sensorial e paradoxalmente tem medo de fantasmas; o realista metafísico divide o mundo em dois, um visível, outro invisível. O realista transcendental cria fora dele um emio (Deus, Verdade, Fé) para contactar o invisível; o idealista transcendental tendo para o ilusionismo absoluto, achando que o mundo só existe em nossa consciência.

Antes de responder a primeira pergunta (como abarcar o curso do mundo por uma das pontas?), gostaria de fazer uma pequena explanação da evolução histórica do pensamento: podemos dividir de forma bem ampla, em duas grandes vertentes as formas de pensamento da humanidade: a corrente racional intelectual e a racional orgânica ou intuitiva. A abordagem holística resgata de certa forma a visão orgânica de mundo, mas, sem eliminar o intelectual, soma, ao contrário as duas, numa verdadeira visão holística de mundo. O paradigma holístico, que denominamos de paradigma contemporâneo, rompe com o anterior a ele, denominado de moderno. A mudança de paradigma é abrupta, se dá sempre através de um *insight* intuitivo e não por acúmulos sucessivos. O paradigma moderno corresponde ao que chamamos de cosmovisão mecanicista e reducionista de mundo, o contemporâneo de cosmovisão sistemática e sinérgica de mundo. O paradigma moderno é dualista e o contemporâneo é monista. O que vem a ser dualismo e monismo? O dualismo é uma corrente filosófica que divide o homem e a natureza, pela presença do pensamento no homem e não na natureza. O realista ingênuo, metafísico e transcendental é dualista. O monismo é também uma corrente filosófica, que contrariando a dualista, afirma a unidade do mundo, tudo é um e um é tudo. Convém explicar os vários monismos existentes: monismo da matéria ou materialismo, monismo do espírito ou espiritualismo, monismo celular ou novo materialismo, e finalmente, monismo do pensar, que é o monismo no qual enquadrar esta palestra.

O pensamento intuitivo, transpessoal, unindo a personalidade

aos mundos superiores, agarra o curso do mundo por uma das pontas, pois é arquétipo universal e primordial. Existem outros portais para o conhecimento: o portal da vontade ou telismo (filosofia da vontade), o portal do sentimento ou misticismo (filosofia do sentimento).

Todos os conceitos filosóficos nos quais me baseio encontram-se no livro intitulado - *Filosofia da Liberdade*, de Rudolf Steiner. Ele foi além de um gênio, um clarividente, que veio para transformar o mundo, conjuntamente com outros do mesmo porte como Sri Aurobindo, Pietro Ubaldi, etc., mas a humanidade os rejeitou, daí a confusão que estamos vivendo.

Para responder a segunda pergunta (qual a metodologia a ser aplicada em arquitetura, segundo a abordagem holística?), usarei uma metáfora, retirada do livro de Claude Lèvi-Strauss, ver páginas 238, 311, 307, intitulado *Tristes Trópicos*. Este famoso etnólogo, antropólogo e pedagogo, apesar de sua metodologia dialético-materialista e seu método objetivo de análise, chega a conclusões bem transculturais através do estudo das pinturas faciais das índias bororós, relacionadas com a “estrutura aparente e real da aldeia borotó”. Ambas, pinturas faciais e estrutura aparente e real da aldeia, expressam o mesmo impulso: o comunismo primitivo e democrático dos índios bororós que se suporta de um lado na cooperação entre os indígenas e de outro, na generosidade do cacique. É assim, que o desenho físico da taba está de acordo com o serviço que uma metade da aldeia presta para a outra e vice-versa; por exemplo, a metade de cima pesca para a de baixo e a de baixo caça para a de cima; assim, estes selvagens trocam seus pertences, suas mulheres, suas vidas, etc.

Eles descobriram o “outro”, o outro e a natureza, numa unidade em rede, de eventos em equilíbrio dinâmico, simultâneos e interdependentes. O cacique, por sua vez é o mediador dos interesses da aldeia a partir do consentimento e de sua grande generosidade. Evidente que ele, sem visão política, sem objetos para distribuir entre seu povo não poderia liderar sua tribo. O cacique funciona como um facilitador.

O grande desafio de nossa ciência, o grande desafio do momento atual é a dimensão perdida do outro, dimensão ética e moral, que os bororós já praticavam há muito tempo.

Nossa visão reducionista - pois centrada em nós mesmos -, imediatista - pois centrada na forma -, mecanicista - pois unilateral -, é a responsável pela falência dos modelos capitalista e comunista, arquitetônicos também, pois tudo se interliga numa rede de eventos.

Nós arquitetos deveríamos funcionar como facilitadores. Voltados para o meio ambiente, para o usuário ou comunidade, sem prevalências da forma, função, estrutura ou espaço, sem unilateralidades, pensando ao contrário a obra como um todo composto de suas partes que são

igualmente importantes. Deveríamos evitar, conseqüentemente, os modelos pré-concebidos e evitar pré-conceituar a realidade, mas, sim conceituá-la através do pensamento vivo, não intelectual, abstrato ou vazio de conteúdo.

O que é pensamento vivo? Retomamos com esta pergunta os pontos fundamentais abordados no início: a idéia, a forma (coisa ou objeto concluído) e a realidade. Admitindo-se que a ciência já reconhece através das fotos Kirlian o impulso ou melhor, a matriz energética e estrutural da folha em si, pré-existindo antes da matéria folha, ou mesmo que uma perna amputada do corpo de alguém sói como se estivesse ainda nele, admitimos, por conseqüência, que as idéias vêm antes das coisas. Na forma de um impulso energético, matriz da forma. Vindo as idéias primeiro, admitimos que as coisas são feitas segundo idéias. Retiramos portanto idéias de coisas, à semelhança de tirarmos água de um recipiente qualquer. Assim, as idéias são tão reais quanto as coisas e se manifestam na *natureza na forma hierárquica: do mineral, ao vegetal, animal até o homem, sua manifestação superior (a natureza pensa através dele): ele é natureza pensante*. Sendo assim, tudo é idéia, o Sol, a Terra. Deus está nas coisas (palenteísmo), que é diferente de Deus fora das coisas (panteísmo).

A realidade conforma-se segundo idéias. Agora podemos sintetizar nosso trinômio idéia - coisa - realidade, numa metodologia que nos permite trabalhá-lo, sem prevalências, unilateralidades e pré-conceitos. Desde que a idéia é intermediária entre o pensamento (escala maior) e o conceito (escala menor ou particular).

Tal metodologia consiste em deixar que os conceitos de uma realidade, das muitas realidades, brotem através da observação pensante ou pensamento vivo - brotem através da percepção e conceituação simultâneas da realidade em estudo. Tornando-se necessário trabalhar com modelos tridimensionais e a utilizar do falar e fazer simultâneos, a vivência da polaridade e metamorfose que permitirão ao potencial latente em uma idéia qualquer se desdobrar, desembrulhar, desenvolver até sua potencialidade máxima.

Para finalizar, gostaria de considerar as duas definições dadas à abordagem holística no percurso desta fala:

A primeira, uma rede de eventos em equilíbrio dinâmico, simultâneos e interdependentes; a segunda, a idéia e sua manifestação hierárquica nas formas mineral, vegetal, animal e humana.

Apesar da primeira definição em rede ser horizontal, à semelhança da estrutura matriarcal, e, a segunda ser vertical, à semelhança da estrutura patriarcal, ambas convergem. Elas não são excludentes, ao contrário, somam-se numa *polaridade* de princípios holísticos, complementada pela *metamorfose* (ou transformismo evolutivo) que gera o *ritmo da realidade fenomênica*.

Este enfoque plural converge do *particular ou da polaridade* para o movimento da *trindade ou metamorfose* gerando a *unidade do todo* - as partes refletidas no todo e o todo refletido em suas partes, numa verdadeira definição da abordagem holística.

Maurício Andrés Ribeiro - Eu queria dizer que é uma satisfação estar aqui, neste simpósio na Escola de Arquitetura, onde estudei, e para falar sobre tema que acho da maior importância: a questão dos "Assentamentos Humanos de Hoje para o III Milênio".

Vou fazer minha exposição baseada em algumas transparências para dar maior concisão.

Quando se fala em ambiente e assentamentos humanos pode-se distinguir em termos de espaços, várias escalas espaciais.

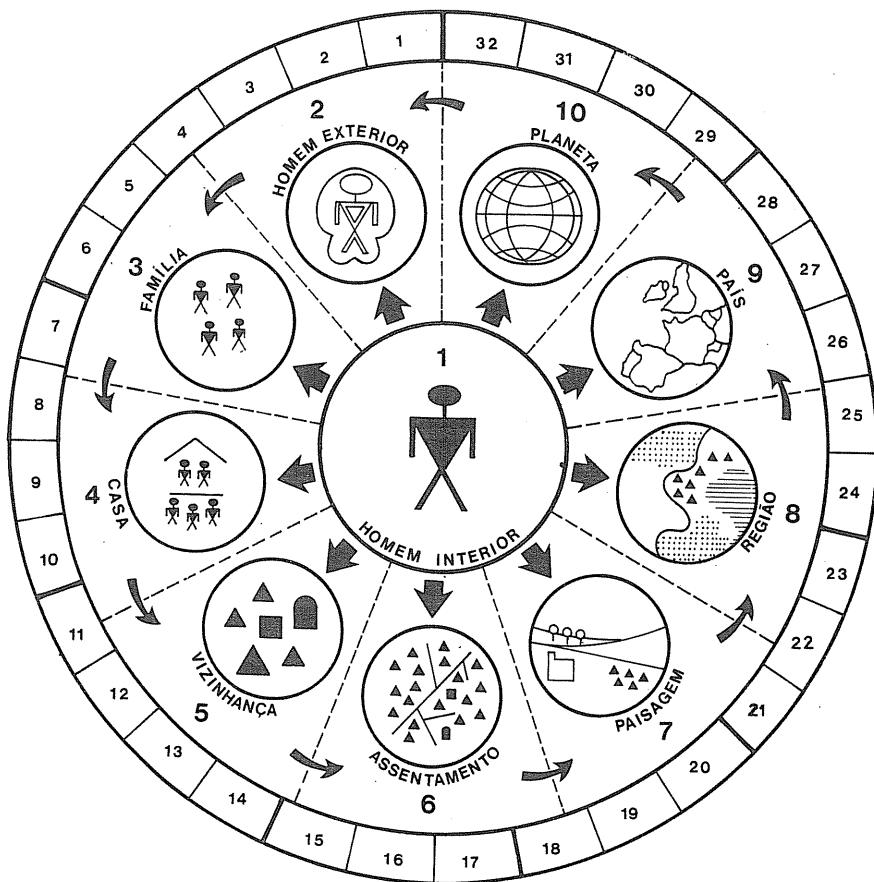
Na figura um, elaborada por Pierre Dansereau, ecólogo canadense que esteve conosco o ano passado, e que tem um esquema tanto em termos de escala espacial quanto histórica bastante esclarecedor, podemos chamar a atenção para o homem interior, da pessoa interior. Quando se fala de meio ambiente é importante lembrar o nosso meio ambiente interno, tanto físico, corporal e material. O corpo físico e material depende muito daí que a gente respira, de como a gente respira, de como a gente se alimenta, etc.

É importante chamar a atenção para essa questão da ecologia interna, ecologia interior, que, muitas vezes, fica esquecida.

Em seguida vem o homem e a pessoa exterior, que é o nosso corpo com a sua roupagem que também é uma forma de controle climático individual que a sociedade e a civilização humana desenvolveram.

Depois vem o grupo familiar, - uma terceira escala - a casa, que abriga esse conjunto de pessoas; vem uma vizinhança, que é um conjunto de casas, depois vem um assentamento que pode ser uma aldeia, uma cidade, uma metrópole como essa em que vivemos hoje, Belo Horizonte. Em seguida, a paisagem que circunda esse assentamento e que é muito importante. No urbanismo tradicional isso ficou um pouco esquecido: os urbanistas se preocupavam com o urbano, que é necessário para ele funcionar: água, energia, alimentos, materiais de construção que freqüentemente vem de áreas que estão fora das áreas urbanas. Isso, no urbanismo tradicional, não foi muito bem trabalhado e me parece que é um dos aspectos importantes quando se fala de ecologia urbana - trabalhar com a questão do abastecimento, o que nos permite estar aqui hoje, nessa cidade e essa cidade funcionar. Ela está sendo alimentada permanentemente com fluxos de água, de energia, de alimentos, de materiais de construção, etc., para funcionar.

Depois vem uma região mais ampla do que essa paisagem micro regional, vem o país e vem o próprio planeta. São as várias escalas, do que a gente pode trabalhar com a ecologia.



O CICLO DA ESTRATÉGIA ECOLÓGICA HUMANA
(P. DANSEREAU)

Fig. 1

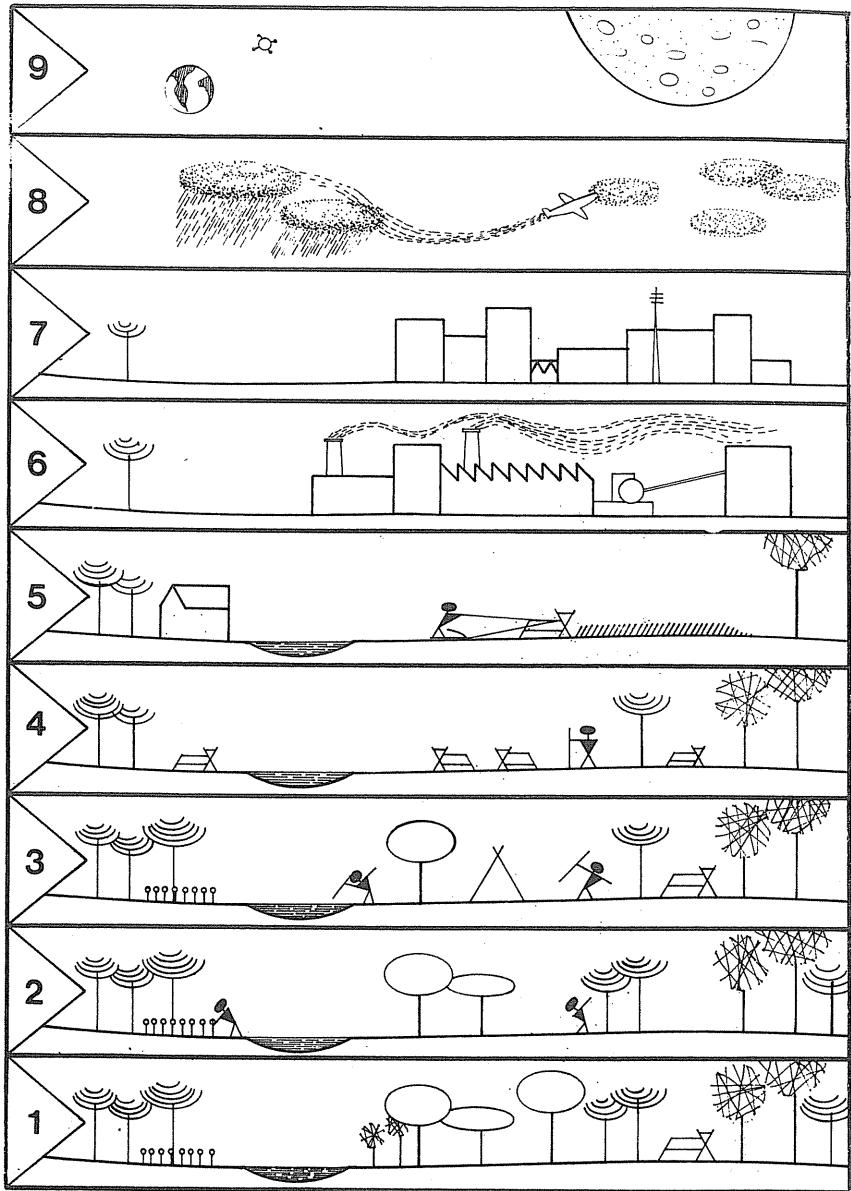


Fig. 2

Eu colocaria uma outra, depois do planeta, que é o próprio cosmos, o universo. O nosso planeta está inserido numa mega-ecologia, num mega-ambiente mais amplo.

Estamos falando aqui de "Assentamentos Humanos de Hoje para o III Milênio": é importante termos essa dimensão do tempo, também.

Dansereau trabalha com isso muito bem, como se pode ver na figura dois. Na pré-história, existiam as terras virgens, praticamente sem nenhuma ocupação humana. Veio num segundo momento a coleta de frutos para se alimentar. Depois veio um terceiro passo nessa evolução humana, a etapa da caça e da pesca. Em seguida vem o pastoreio. Vem, depois, a revolução agrícola, com a domesticação de espécies vegetais e o trabalho com ela. Em seguida vem a revolução industrial, já no século XVIII, bem próxima de nós, com todo esse processo de transformação de matérias-primas e de recursos naturais, através de processos industriais, transformando isso em bens de consumo. E vem a etapa em que nos enquadrmos hoje, que é a etapa da urbanização.

Dansereau então identifica esses vários passos, e para cada um deles, existe um tipo de organização social desenvolvida, um tipo de economia que se instala, um tipo de ação sobre a paisagem, um tipo de vestuário e um tipo de abrigo. E isso vai variando ao longo da história da própria cultura humana.

Hoje nos encontramos nessa fase da urbanização, da criação das grandes metrópoles. É uma urbanização acelerada, particularmente depois da segunda guerra mundial. É um processo muito recente, são cerca de 40/50 anos em que isso está se acelerando bastante. Em 1950, por exemplo, o Brasil tinha um percentual muito pequeno de população vivendo em cidades e, menor ainda, vivendo em cidades acima de um milhão de habitantes (naquela época, na década de 50, apenas Rio de Janeiro e São Paulo). Hoje já temos, no Brasil, 75% da população vivendo em cidades e uma parcela grande desses 75%, vivendo em metrópoles com mais de um milhão de habitantes. É um processo recente e acelerado pelo qual estamos passando.

Como estamos falando de terceiro milênio, de uma visão mais prospectiva, acho interessante o que Dansereau propõe como os próximos passos depois dessa etapa da urbanização que estamos vivendo.

A etapa seguinte, ele chama de "controle climático", e é uma etapa caracterizada por tecnocracias, uma economia de poder, uma ação sobre a paisagem que chama de "intrusão", que seria de interferir sobre alguns fatos, por exemplo, provocando chuvas artificiais, um vestuário especializado e abrigo de metal, produtos sintéticos e móveis.

Essa etapa, que Dansereau chama de "controle climático", acho que estamos no alvorecer dela. Todos os grandes problemas globais

ambientais que aparecem hoje, como a questão do efeito estufa, a questão da destruição da camada de ozônio, são já sinais de que estamos entrando numa fase em que esses problemas vão ser cruciais. Vão ser cruciais para a própria sobrevivência da espécie, porque podem afetar a produção de alimentos através da agricultura, podem afetar a pesca, podem afetar a economia como um todo. Estamos, realmente, tomando consciência de que esses macrodesequilíbrios ambientais e climáticos podem trazer algum risco, alguma ameaça para a nossa própria sobrevivência sobre o planeta.

O último passo que Dansereau coloca, é o da fuga exo-biológica. Seria isso que já vemos desde a década de 60: as viagens espaciais começando, os astronautas, a exploração do espaço cósmico. Acho importante ressaltarmos hoje em dia essa inserção do nosso planeta dentro do cosmos.

Sabemos que a vida na terra já foi afetada, no passado, por fenômenos que vieram de fora do planeta, como por exemplo, os asteróides, que podem ter chocado com o planeta provocando mudanças climáticas; a própria destruição de certas espécies, por exemplo, os dinossauros, uma das hipóteses é que tenha sido resultado de uma mudança climática, provocada por esses choques externos. Estamos inseridos nesse mega-ambiente, que muitas vezes é esquecido. Hoje em dia se fala muito de biosfera, do planeta, da consciência planetária, mas essa consciência cósmica que a própria visão holística ajuda a recuperar me parece da maior importância para se ter essa visão mais prospectiva.

Sobre a etapa em que nos encontramos hoje, eu diria que todos nós sentimos na pele, vivendo numa cidade, num assentamento humano que é uma metrópole, os vários problemas ambientais, às vezes micro-ambientais, que afetam a nossa qualidade de vida e nossa maneira de nos comportar. Atualmente, na Secretaria do Meio Ambiente de Belo Horizonte, tenho observado problemas muito sérios desse drama de se viver num assentamento, numa metrópole que, às vezes, se transforma em tragédia. Fui há algum tempo professor de "Conforto Ambiental". Nesta área trabalhamos muito com a questão de conforto térmico, com a questão de calor e frio, como fazer um controle climático sem precisar de muito uso de energia mecânica, como o ar condicionado, etc., fazer uma arquitetura mais bioclimática e trabalhar também com a questão de luminosidade, de iluminação, de como é que isso é importante também para a qualidade de vida em cada edificação. Mas um aspecto que sempre deixei em segundo plano, foi o conforto acústico; não dava muita importância a isso. Na Prefeitura de Belo Horizonte, vejo como é importante a questão do silêncio, do controle do ruído, fator de *stress* para qualidade de vida, que afeta até mesmo a saúde mental, a maneira

de as pessoas se relacionarem, cria clima difícil de convivência. Às vezes chega até à tragédia, como é o caso, por exemplo, de denúncia feita à Secretaria do Meio Ambiente, sobre poluição sonora. Quando o fiscal foi fazer a vistoria, já não existia o problema, porque o vizinho já havia assassinado o dono do bar, causador do barulho que ele não aguentou. Hoje, aqui, nesse ambiente, já passamos por momentos em que quase não ouvímos as pessoas que estavam falando por causa de interferências acústicas e externas. A questão do urbanismo acústico me parece ser da maior importância, porque é fator relevante para qualidade de vida.

Uma vez, fui fazer uma apresentação num Encontro de Comunidades Alternativas e eles me pediram para falar sobre arquitetura ecológica. Comecei a pensar o que seria isso e imaginei o que está na figura três, uma arquitetura que fizesse uso dos recursos do clima, da ventilação, da iluminação, da pluviosidade, do vento, da água; que fizesse uso de materiais de construção disponíveis naquele local, evitando o transporte de longa distância, que gera poluição e gasta energia; que fizesse uso de tecnologias e do potencial de trabalho humano, de pessoas capacitadas a trabalharem com essas técnicas, e que colaborassem para uma melhor qualidade de vida. Imaginei que isso poderia ser um enfoque para se tratar a questão da arquitetura ecológica. Quando, porém, fui perguntar aos organizadores do simpósio o que esperavam desse enfoque, vieram me dizer: "Queremos que você fale sobre abrigo antinuclear, abrigo atômico". Levei um susto, porque é uma coisa um pouco inusual. Mas, de fato, hoje vivemos num macroambiente, que é o planeta como um todo, e particularmente no período da guerra fria e dessas ameaças de guerra nuclear, muitos países europeus, como a Áustria ou a Suíça, passaram a exigir, para cada edificação que se construísse um abrigo anti-atômico. Desse ponto de vista, é uma arquitetura ecológica, para poder suportar esse tipo de impacto que a própria tecnologia produzida pelo homem desenvolveu.

Quando falamos de futuro, podemos pensar em vários cenários. Um cenário possível seria um mundo extremamente poluído e com algumas ilhas de ar condicionado altamente climatizados, mas que só uma pequena elite poderia viver nesses ambientes; ou, então, um mundo em que possamos ecologizar todos os nossos assentamentos, ecologizar a nossa arquitetura, e isso passa, em primeiro lugar, por uma ecologização da própria cultura, para embutir na própria mente de cada cidadão essa consciência. E que a própria sociedade, cada indivíduo possa se auto-administrar, do ponto de vista de não degradar o meio ambiente. O ideal seria que não houvesse uma fiscalização ambiental, mas que cada indivíduo, cidadão, ou empresa pudesse fazer sua auto-regulagem, voluntariamente, sem necessidade de uma ação externa, que normalmente os governos, através do controle ambiental, da fiscalização, vem fazendo mas ainda estamos numa etapa muito primária, porque é

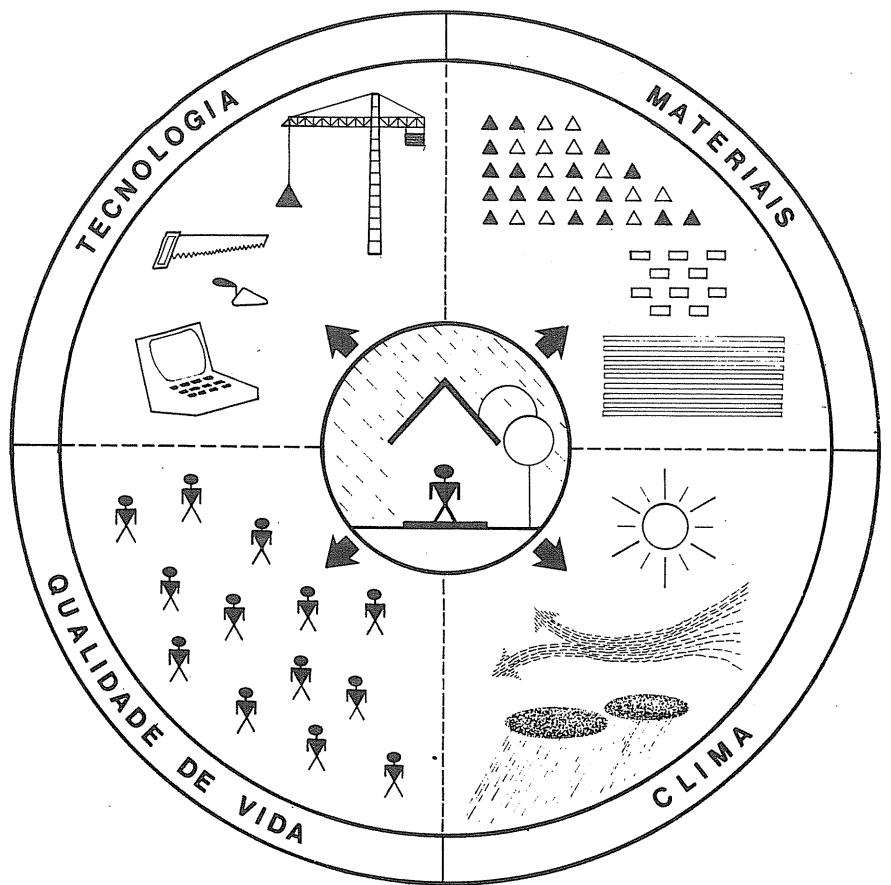
necessário fazer isso. Uma cultura ecologizada não teria necessidade de fiscais externos.

São as pessoas, os indivíduos que fazem as cidades, que fazem os assentamentos humanos. As nossas cidades são reflexo daquilo que nós somos, dos nossos valores, da nossa mentalidade, do nosso comportamento, das nossas atitudes. Nossas cidades têm sido tratadas mais como mercadorias, como bens, valor de troca para especulação imobiliária, do que como bens culturais. Estamos acostumados a falar do nosso patrimônio histórico e artístico de Ouro Preto, de Congonhas, das cidades históricas, mas são sempre aquilo que foi produzido há alguns séculos atrás. A cidade que se está produzindo hoje, nós a estamos tratando mais como uma mercadoria, um bem para se ganhar dinheiro a partir dele, mais do que como bem cultural. Isso me parece uma perversão, e o resultado é a cidade que nós temos, com todas as mazelas ambientais, desde a poluição sonora à poluição atmosférica, carência de infra-estruturas, etc. Dentro desse enfoque de que são as pessoas que fazem a cidade, cada um de nós está aprendendo a ser um cidadão, está aprendendo inclusive a viver na cidade, a definir certas regras de convivência que permitem termos um mínimo de qualidade de vida dentro do ambiente denso, que é esse de uma grande cidade. A cidade é um produto cultural e, dessa forma, ela será o que forem as pessoas, com seus valores culturais, com seus comportamentos, ela vai refletir exatamente isso.

Ecologizar um assentamento humano, uma cidade, passa por ecologizar cada cidadão, a consciência de cada um, através da educação formar nas escolas, da educação informal, da comunicação de massa, ou até mesmo da fiscalização, que é um instrumento pedagógico, muitas vezes porque ataca um órgão sensível que é o bolso. A partir da observação do que vemos acontecendo na administração municipal, há casos em que é necessário fazer cumprir a legislação para que aquilo vá sendo impregnado na consciência das pessoas.

Essa relação que existe entre nosso ambiente interior e nossa mentalidade, nossos valores, com o que está refletido aí fora, reflete isso.

A figura 4 coloca uma coisa importante. Muitas vezes o nosso comportamento não corresponde exatamente ao nosso pensamento. Muitas vezes existe uma dissociação entre pensamento e ação. Essa transparência foi elaborada a partir de discussões num grupo de trabalho que se formou há algum tempo, com pessoas de várias partes do Brasil, ela coloca aqui, em termos de pensamento ou da teoria, aquele pensamento que é pré-materialista ou espiritualista; aquele que é materialista e aquele que é pós-materialista. Em termos de modo de vida, de ação e de prática, o que é pré-materialista, o que é materialista, o que é pós-materialista?



ARQUITETURA ECOLÓGICA

Fig. 3

Modo de vida Ação Prática			
Expectativa Pensamento Teoria	PRÉ-MATERIALISTA	MATERIALISTA	PÓS-MATERIALISTA
PRÉ - MATERIALISTA (ESPIRITUALISTA)	ÍNDIOS		MÍSTICOS
MATERIALISTA (NÃO ESPIRITUALISTA)	MAIORIA POBRE	CLASSE MÉDIA ALTA	
PÓS - MATERIALISTA (NEO - ESPIRITALISTA)	MINORIA POBRE	MOVIMENTO ECOLÓGICO REAL	MOVIMENTO ECOLÓGICO AVANÇADO

O CICLO DA ESTRATÉGIA ECOLÓGICA HUMANA

Fig. 4

Hoje vivemos na fase da urbanização, numa fase materialista, em que o consumo de bens materiais está associado à qualidade de vida, está associado a bem-estar, e me parece que isso corresponde a uma etapa. Essa sociedade não irá muito longe, se todos os habitantes do Brasil ou do terceiro mundo quiserem ter um padrão de vida como é o padrão de vida que desperdiça recursos naturais, dos países ditos desenvolvidos: os recursos não vão ser suficientes para tanto.

Podemos localizar alguns grupos sociais, dentro da sociedade, por exemplo, os nossos índios têm um modo de vida, de ação e prática - principalmente aqueles que ainda não foram contaminados pela cultura branca - pré-materialistas, e um pensamento, uma expectativa, uma teoria espiritualista ou pré-materialista.

Os místicos teriam um modo de vida pós-materialista, renunciando voluntariamente aos bens materiais, etc., e um pensamento espiritualista ou pré-materialista.

A nossa maioria pobre, que vive nas nossas periferias urbanas ou mesmo nas áreas do interior, tem um pensamento, uma expectativa materialista de alcançar aquele mínimo de bens materiais que dê um patamar mínimo de qualidade de vida. Mas o modo de vida é ainda pré-materialista, porque não chegaram a alcançar esses tipos de bens materiais.

Já a minoria pobre, poderíamos colocar como sendo pós-materialista em termos de pensamento, pré-materialista em termos de vida, justamente por essa carência de recursos materiais.

A classe média tem uma expectativa e um pensamento materialistas e um modo de vida e de ação também materialistas. A aspiração da classe média é ter mais um carro, ter uma casa maior, mais bens materiais. A normal aspiração é esta, e a da classe alta também.

O movimento ecológico-real, esse movimento ecológico de nossas associações ambientalistas, tem um pensamento muitas vezes pós-materialista, mas uma prática e um modo de vida ainda materialistas.

O movimento ecológico avançado seria aquele que teria uma prática pós-materialista e uma expectativa, também um pensamento pós-materialista.

A nossa sociedade é muito diversificada, tem grupos situados em várias posições e gostaria de finalizar dizendo isso. É importante termos essa visão de quais são os valores, as aspirações, os desejos de cada grupo social desses, porque é disso que vão resultar os nossos assentamentos humanos no futuro.

Celina Albano - Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer o convite que me foi feito para participar desta mesa. Eu sempre gosto de estar junto de arquitetos, isso já é uma característica minha. Eu aprendo muito, porque a Arquitetura tem um diálogo importantíssimo com a Sociologia.

E isso já ficou provado na colocação de Maurício Andrés, quando ressaltou que são as pessoas que fazem a cidade e que ela tem de ser vista como um produto cultural. E é justamente isso que eu vou abordar na minha exposição.

Partindo do texto que discute um paradigma holístico para a Arquitetura, achei-o muito instigante, muito interessante, e onde foram feitas várias colocações a respeito de uma nova Arquitetura relacionada diretamente com um novo homem, eu tentarei analisar as possibilidades desta proposta.

Para mim, a base deste novo relacionamento remete à questão da interação social, mas antes devemos refletir um pouco sobre quem é esse homem moderno, esse homem social. Neste sentido, levanto algumas indagações que o texto suscita. Quando se fala de um novo homem, quando se pensa em um novo modo de agir, de pensar, de refletir, a gente está pensando ainda em um homem preso a determinadas estruturas, a uma sociedade que conforma as consciências individuais, ou seja, dentro de uma visão mais coletivista, que vê os homens mais como um conjunto pressionado por determinadas estruturas. Ou, quando pensamos no novo homem, é naquele homem responsável, perante a história, por seus atos, por seus desejos, por suas vontades: indivíduos dotados de uma consciência, que respondem pelas consequências de suas paixões, de suas escolhas, de suas ações e da realização de seus sonhos.

E, quando se fala muito de integração, de harmonia, de uma visão global, como vai se dar a ação desse homem nas cidades?

Na minha opinião, temos que partir da seguinte idéia: a existência humana flui através de contrastes, de tensões, de conflitos e tentativas de reconciliação. Nós temos que pensar em harmonia, nós temos que pensar em conflitos, nós temos que pensar em rupturas, mas nós temos que pensar em interações, em flexibilidade. Os homens devem reconciliar essas tensões dentro de suas próprias personalidades e em suas existências sociais. Isso propicia, aí sim, uma síntese criativa. E é essa síntese criativa que me preocupa, porque é só através dela que serão produzidos novos papéis sociais, novas organizações, novas formas de interação, que não devem tolher a criatividade e a inovação. Mas uma nova questão deve ser colocada. Esses novos papéis, essas novas formas de interação não vão, também, se institucionalizar e não vão enquadrar a vida em esquemas gerais, privando a personalidade individual de mostrar a sua peculiaridade, a sua singularidade?

Todos nós temos consciência de que atravessamos um período de crise e, por isso, um período crucial para que a gente reflita sobre uma nova possibilidade de viver num mundo que não seja tão cheio de problemas, tão destrutivo, tão opressivo, como o próprio texto de referência chama a atenção. Então, eu pergunto o seguinte: quando se

fala de harmonia, de uma visão mais global dentro do paradigma holístico, eu fico pensando o que pode ser feito para garantir que a criatividade seja capaz de superar as crescentes formas culturais, objetivas do capitalismo urbano? Em outras palavras, como esse novo paradigma, essa nova visão do mundo fazem com que a liberdade aumente através, também, de um contínuo desenvolvimento da sociedade? Porque a sociedade nada mais é que um termo abstrato, denominando as interações entre indivíduos reais e suas orientações criativas, que constituem o conteúdo da realidade.

Então, quando eu penso a questão das interações sociais que nós mantemos e colocamos em ação cotidianamente, e como a realidade social se concretiza, eu fico, também, imaginando como as formas de interação social, e aqui se falou muito de forma e de conteúdo, como essas novas formas de interação social vão ter um novo conteúdo?

O que se observa é que a estrutura social e o espírito de racionalização, presente na nossa sociedade, sempre recompensam, e sempre recompensaram o desenvolvimento intelectual em detrimento do emocional; a razão em detrimento da intuição. O William chamou muita atenção para esse aspecto da intuição. Então, eu fico pensando como sair para um novo paradigma onde, de um lado, essa visão intuitiva, emocional, afetiva, realmente se concretize, e, de outro, que haja também espaço para um desenvolvimento intelectual. Em outras palavras, deve-se conseguir unir o novo, o progresso com algo que é básico para o ser humano, que é, realmente, a emoção, a intuição.

Agora, isso, para mim, só consegue ser realizado, e aí estou aberta à crítica, através de tensões, de rupturas, de conflitos que devemos trabalhar numa escala de estímulos discordantes, para que possamos, através de contrastes, fazer com que a personalidade experimente o meio ambiente. É uma coisa que me chamou muito a atenção, tanto como referência ao texto, como também à exposição da nossa colega chinesa, é a dimensão do sagrado em contraposição à dimensão do profano. E o que podemos ver é o seguinte: numa situação de crises, de rupturas, de tensões, a dimensão do sagrado vem com uma força e com uma energia muito grande para alinhar uma série de questões, de dúvidas. Acho que o que se busca na dimensão do sagrado é realmente essa energia, essa força, essa solidariedade que podem brotar dessa ordem. Mais do que isso, o sagrado é, também, a base de um ordenamento que faz com que se possa perceber o mundo, não só no nível espiritual, mas também no nível cotidiano. É a maneira como essa dimensão tem uma importância, não na medida em que ela fica excluída do cotidiano, mas ao contrário, quando ela permeia o cotidiano, quando ela impregna esse cotidiano e faz, então, com que as coisas realmente fiquem sólidas.

O que me impressiona, e o Maurício mostrou bem, é que,

geralmente, as pessoas pensam uma coisa e agem de outra maneira. Então, muitas vezes, pensa-se a nível do sagrado, mas não faz com que esse sagrado permeie o cotidiano para torná-lo sólido, para torná-lo realmente eficaz.

Daí, minha insistência em mostrar como a cidade é um bem cultural, um produto cultural, porque é através dos assentamentos humanos que o indivíduo se torna um ser social. Quando ele empreende ações para preencher motivações, muitas vezes elas são individuais, mas fazem com que ele se transforme em um agente importante de união, de associação e faz com que as pessoas tentem, cada vez mais, interagir umas com as outras. E aquilo a que se assiste hoje, em termos da Arquitetura, é uma crescente autonomia de formas espaciais, empobrecendo o potencial humano.

Quer dizer, vê-se uma série de formas arquitetônicas que estabelecem uma divisão muito clara e forte entre a esfera privada e a pública. Penso ser esse um importante ponto para reflexão dos arquitetos. Há um apelo cada vez maior, desde que a Arquitetura tem aí uma enorme força, porque é uma ciência que agrupa uma série de conhecimentos, e, na medida em que nós temos essa divisão, entre estas duas esferas, nós estamos fazendo com que o ritual da sociabilidade, que é a base da existência humana, comece a se pautar muito mais por motivos de caráter negativo do que positivo.

A tentativa de se estabelecer um novo paradigma, uma vez que o paradigma moderno vê a casa como uma máquina de morar, é condição para transformação hoje. Só pode transformar esse paradigma moderno, na medida em que a relação entre a esfera pública e a privada se faça de forma tal que o ritual da sociabilidade se transfira para o espaço público, porque nós estamos entrando cada vez mais numa privatização da sociabilidade, que vem colocar-se totalmente em posição contrária à própria essência da idéia da sociabilidade. A sociedade urbana contemporânea ainda está solidificada e estruturada através de imperativos, que colocam pesadas exigências sobre o indivíduo, para que ele funcione como membro de uma unidade orgânica, impedindo-o de que as emoções, as suas intuições, enfim, a sua criatividade possam se dar de uma forma mais livre. Uma multiplicidade de papéis leva o homem a enfrentar conflitos das mais diferentes naturezas. Isso faz com que a personalidade humana venha dar mais reforço à perda da interação, isto é, perda de associações, e perda de prazer, de fruição do espaço urbano, porque a personalidade urbana procura um alívio temporário, retirando-se para a privacidade do pensamento, dos sonhos, dos desejos, já que existe também a necessidade de uma prática, de uma atuação para transformar a realidade. Cria-se, dessa forma, uma série de problemas onde o desenvolvimento da humanidade é não caminhar em busca dos enriquecimentos objetivos do próprio homem.

Então, o que está por trás disso tudo? A sociedade urbana, criando convenções, e padrões muito rígidos, permite que haja poucas possibilidades de inovação, de mudança. Então, como reverter isso? Penso que um dos aspectos mais importantes para reverter esta situação é justamente fazer com que haja uma maior predominância do valor de uso em detrimento do valor de troca. O ritual de sociabilidade, fundamental para que possamos visualizar a mudança deve estar mais voltado para uma sociabilidade de uso, de interação, e muito menos para uma mera relação de troca. Hoje ainda estamos dentro da ditadura do valor de troca que transforma em objeto a interação humana. Ela, porém, não pode ser vista como um mero objeto. A individualidade e a singularidade qualitativa nas pessoas e nas coisas ficam sempre reduzidas a uma pergunta: quanto custa? Portanto, o que temos que trabalhar é a idéia de liberdade, que é um processo contínuo de liberação temporária. Não é algo que atinge e permanece para todo o sempre. Nós temos que viver esses processos de liberdade, de vontade, de desejo, mas em formas que não sejam totais e globalizantes. Acho que, de um lado, temos que pensar muito nessas rupturas, nessas mudanças. Por outro lado, assistimos a um crescimento acelerado das cidades que ficam cada vez maiores, mais densas. As pessoas buscam, na vida metropolitana, maior liberdade, mas, ao mesmo tempo, há um paradoxo nesse processo, pois o gigantismo da metrópole implica um certo grau de aprisionamento.

O dilema do homem coloca-se entre o aceitar a condição de solitário, como contingência da cidade grande, ou submeter-se à ausência da privacidade, que é característica das pequenas comunidades.

Por isso, o grande desafio é conviver com rupturas, com tensões. E, nas tensões e nas rupturas devemos buscar a harmonia que, embora temporária, tem algo que precisa ser sempre alimentado.

Voltando à cidade com o objeto cultural, insisto que ela tem de ser assumida pelos seus habitantes, de forma que cada um possa dar contribuições ao espaço social. As metrópoles tanto criam oportunidades como colocam barreiras à realização do ser humano. Mas, para que os indivíduos alcancem um humanismo e uma vida subjetiva têm que transcender o peso do espírito objetivo no mundo.

Lembrando o grande pensador humanista, que morreu recentemente - Henri Lefévre - "É no cotidiano que é preciso viver e é ele que é preciso metamorfosear-se." O que nós temos no paradigma moderno é justamente o contrário: o cotidiano como imutável, o cotidiano como lugar comum. Ao contrário, o que temos que fazer para se criar algo novo é justamente transformar esse cotidiano.

Volto a chamar atenção para este ponto, porque na exposição de Ping Xu foi salientado o sagrado no cotidiano, dando a base para que haja uma transformação e ao mesmo tempo uma consolidação de práticas

tradicionais aliadas ao novo. Quer dizer então, que tem que se buscar a harmonia entre o novo e o velho, entre o conflito e o consenso, entre o intuitivo, o emocional e o intelectual. E, lembrando Henri Lefèvre, mais uma vez, “o que acontece na Arquitetura é sempre um sintoma do que vai realmente acontecer no mundo, porque na verdade ela inclui a técnica, a arte, a prática social e a vida cotidiana”. E é nô repensar do cotidiano que podemos também pensar em grandes transformações.

DEBATES

Flávio de Lemos Carsalade - Antes de abrir para debate, eu queria agradecer a algumas pessoas que tornaram esse simpósio possível e que trabalharam inclusive no texto de referência, que foi passado aos debatedores, que são: Carlos Solano de Paula Carvalho, Célio da Silveira Firmo, Celso da Silva Borges, Fernando Hermann Costa, Heloisa Gama de Oliveira, José dos Santos Cabral Filho, Maria Cristina Teixeira Perocco e William Ramos Abdalla. Obrigado a eles.
Está aberto para debate.

José Cabral - Eu queria pedir à Celina para desenvolver, falar um pouco mais de uma coisa que ela disse, que é o seguinte: você chamou a atenção para a questão da ruptura, como fundamental para o surgimento do novo: essa palavra "ruptura" vem sendo usada, nós a usamos direto; mas pela primeira vez eu pensei essa idéia de ruptura como oposto de religar, ou seja, a questão da religiosidade. Você colocava exatamente isso, que o texto de referência salienta, que é a questão da perda dessa dimensão sagrada no cotidiano. Como é que você vê essa oposição e que outra espécie de ruptura poderíamos empreender que não fosse esta da tradição moderna, que é justamente a negação do religar, a negação do sagrado mesmo?

Celina Albano - Cabral, você me pegou, porque é o mais difícil para mim também. Você sabe que quando eu li o texto de referência eu fiquei tão preocupada com a afirmação que vocês faziam da questão do sagrado que eu fiquei hoje de manhã assim: - Meu Deus, eu sou totalmente contrária a isso. Eu acho que eu falava: - Meu Deus não posso concordar com essa idéia, não dá para ver porque a gente está justamente, totalmente formado na idéia que há uma esfera do profano, outra esfera do sagrado e que há uma clara separação entre elas. Agora o que eu acho, e isso eu vou sacar assim agora, entendeu também, não tem ainda muita reflexão, porque quando eu vi a Ping Xu falando, repensei a crítica que eu ia fazer a essa afirmação do sagrado, eu falei então: ;eles estão certos. Isso aí eu estava pensando o sagrado dentro de um bloco, um bloco muito estanque e muito separado da realidade, quer dizer, o sagrado é o excepcional. Em princípio eu estava pensando "o sagrado é excepcional", então ele não pode estar permeando o cotidiano, certo? Mas de repente eu descobri que não, que é próprio da cultura oriental, e aí sim, vem a grande riqueza da cultura oriental, que faz uma diferença para nós, porque o sagrado está no cotidiano e nós fizemos sempre essa

separação. Agora só para terminar, eu acho que você tem algo aí que é o sagrado também, nós temos que repensá-lo através de ações práticas que nós temos que colocar diariamente; então eu fico pensando se nós também não podemos pensar no sagrado, aí já dentro de uma matriz weberiana, de dizer o seguinte: o sagrado, ele está contido justamente naquela ação nossa que sempre se orienta em direção a valores, certo, e não a fins. Não aquela ação racional como eu diria, utilitarista, instrumental, que o Weber fala tanto e que o próprio Habermas mostra que o homem moderno ocidental, ele tem a sua vida pautada por uma ação racional com instrumentalista. Então eu acho que na medida em que nós colocamos no nosso cotidiano uma série de ações que se pautam na busca de valores, eu acho que a gente está tentando religar a esfera do cotidiano à esfera do sagrado, e só assim é que a gente pode repensar em transformar esse cotidiano.

Ping Xu - Eu em parte concordo com o que o William e a Celina disseram, mas de certa forma eu também discordo. Quando eles colocam que a parte, principalmente a Celina colocou, que a parte do sagrado está mais ligada com o cotidiano e com a natureza. E estou querendo chegar que não só os homens ocidentais; ela dá por exemplo, o amor. Quando você está amando, você não estabelece os critérios, o por quê está amando; como está amando; você simplesmente está amando. Mas entretanto, já a partir principalmente depois da revolução industrial, as pessoas perderam o sentido no relacionamento com a natureza, do que seria o amor à natureza.

E eu também digo que não são só os orientais. Se você olhar também para a natureza na Europa, ou mesmo no Brasil, se for feita uma pesquisa mais séria, antigamente o modo como eles tratavam a paisagem e a natureza, era muito diferente, com valores diferentes.

E depois com a industrialização as pessoas acharam que elas tinham descoberto a verdade, e a tecnologia possibilitava que tudo fosse possível, então a gente perdeu o respeito à natureza e o meio ambiente foi altamente destruído desde a revolução industrial. E a nossa geração talvez já tenha perdido o sentido de amor à natureza. E se você pesquisar, e isso é um dos meus interesses, que os nossos antepassados, os nossos bisavós, por exemplo, talvez tivessem um respeito no sentido de respeito à natureza muito mais forte. E eles tinham sentimento, eles se relacionavam com a natureza numa relação que tanto podia ser de amor ou simplesmente de sentir a natureza, mas de qualquer forma eles sabiam que perante a natureza eles eram menores, pequenos. E eu concordo com eles, agora é um tempo onde a gente deve repensar a natureza.

William Abdalla - Eu tentei, eu frisei uma diferença fundamental entre arquitetura islâmica antiga e a arquitetura islâmica nova, moderna. O mesmo processo de desintegração que existe na nossa arquitetura moderna existe lá também. Eles vivem hoje uma fase que nós vivíamos na época de Brasília - uma fase de construção da industrialização. A sensação que se tem é de desintegração, de total desintegração da comunidade. A comunidade se desfaca em partes menores, miríades, miríades, miríades...

Agora, eu aproveito a observação que ela levantou, para salientar um ponto muito importante, que é um resgate da visão holística. Existe uma idéia de que Deus está fora das coisas, ou seja, as coisas somam em Deus. Isso se chama de panteísmo. Existe uma outra idéia, onde Deus está dentro das coisas. As coisas são Deus. Isso se chama paleteísmo. O que se procura entender hoje é exatamente que Deus está como idéia em tudo, de uma forma hierárquica, desde o mineral ao vegetal, ao animal e ao homem, manifestando-se hierarquicamente de formas diferentes. Mesmo dentro do próprio holismo, da visão holística, da abordagem holística, existem correntes que discordam, divergem um pouco aqui e ali, e isso é bom. A visão holística, como tentei dizer no início, não é um "ismo". Ela já existe, ela está se recolocando a partir de bases muito sólidas que são aquelas duas grandes vertentes que eu mencionei. Bom, as duas correntes poderiam ser mais ou menos entendidas da seguinte forma: existe uma corrente que diz estar mais afim com o approach matriarcal, ou seja, que a corrente do Fritjof Capra, ele define a abordagem holística como uma rede de eventos em equilíbrio dinâmico interligados e simultâneos. Com isso, ele contrapõe uma outra definição holística, da idéia expressada na forma hierárquica, vertical, que seria a visão patriarcalista do holismo de acordo com Goethe, Steiner, Pietro Ubaldi, etc. Sinto-me mais próximo da hierarquia vertical. Não tenho argumento para saber se uma é patriarcal e a outra matriarcal. Isso é uma discussão que se abre dentro da própria abordagem holística que está aí para a gente sintetizar. Mas eu chamaria atenção de que quando se fala Deus nas coisas, muda-se muito a referência do enfoque da verdade, certo?

Flávio de Lemos Carsalade - Está franca a palavra. Quem quiser fazer alguma pergunta.

Pessoa do autitório - Quem é Pierre Dansereau?

Maurício Andrés - Pierre Dansereau é um ecólogo canadense, da Universidade de Quebec, Montreal. Ele era originariamente botânico, depois começou a trabalhar com Geografia, depois com Biogeografia,

depois foi diversificando. Em matéria de publicações, em matéria de livros, tem um trabalho muito importante. Esteve aqui o ano passado em Belo Horizonte, onde passou uma semana.

Pessoa do auditório - Pergunto à Mesa, também ao William. Quando se fala da arquitetura holística e quando se fala também dos diversos corpos que foram mencionados aqui, dos diversos corpos que compõem o ser, como é que ficaria a arquitetura? E esses corpos dentro da arquitetura, corpos espirituais, corpo etéreo, e todos esses corpos, então como é que ficaria essa nova arquitetura para agasalhar todos esses corpos, para cobrir todos esses corpos?

William Abdalla - É prematuro ainda se falar na arquitetura holística de modo definido - acabado. O que existe é a busca de uma arquitetura holística. Uma arquitetura holística seria aquela que vê a realidade ou as realidades, porque um ângulo de 360° sem prevalências de valores, inclusive levando em consideração o usuário ou a comunidade, conforme a escala, então esses corpos seriam abrigados por uma visão não centrada no homem, mas onde a paisagem construída ou não construída, ecologizada, se daria um equilíbrio de usuário e desenho com a natureza. Agora, é importante salientar por exemplo, que a gente não pode ver a coisa de uma maneira muito direta, por exemplo, se eu tenho um corpo físico, um corpo etérico, um corpo astral, um corpo emocional ou um corpo espiritual, contraria evidentemente a visão da casa como a máquina de morar, que se limita à Mecanismo funcional/formal. Mas, a casa como organismo vivo expressa as necessidades dos corpos. Uma pergunta que se poderia fazer é a seguinte: onde é que se localiza a memória? Estaria em nossas mentes ou estaria fora de nossas mentes? Isso muda toda nossa maneira usual de pensar. Imaginariammos a Terra também como organismo vivo com todos esses corpos. Então são organismos somando organismos - a hipótese Gaia - das partes num todo e vice-versa. Deu para explicar?

Você que está fazendo na Universidade Holística uma pequena arquitetura que pretende ser holística, deveria entendê-la através das preocupações com a paisagem e tudo mais, até a nível do seu trabalho com as mãos, etc.

Flávio de Lemos Carsalade - Bom, então eu vou fechar o simpósio, em nome da pontualidade, seis horas e um minuto agradecendo a presença de todos os debatedores, conferencistas e agradecendo também a presença do público.

Obrigado.

3

ESTUDO DE CASO: UM PROJETO PARA O MIRANTE DAS MANGABEIRAS

EQUIPE:

- Carlos Solano de Paula Carvalho
- Célio da Silveira Firmo
- Flávio de Lemos Carsalade
- Heloisa Gama de Oliveira
- José dos Santos Cabral Filho
- Maria Cristina Teixeira Peroc
- William Ramos Abdalla

CONCEITO

O Mirante das Mangabeiras é um lugar especial que coloca a cidade de "brilhos e vídrilos"^{*} a nossos pés e nos aproxima do céu. A abertura visual à frente com a proteção da montanha por detrás, - o faz um exemplo perfeito de bom *feng-shui* - a milenar geomancia chinesa. Com tantas qualidades reunidas, o lugar só poderia ser o que a história da cidade vem confirmado: janela aberta para o Belo Horizonte.

Por ser um destes lugares onde o homem se conecta vividamente com a grandeza, numa experiência a um só tempo tão universal e particular, deixemos o *I Ching* falar sobre a intervenção do homem (o projeto) na montanha (o lugar).

Imagen: "Acima o trovão, abaixo o lago."

Acima da montanha, o céu; abaixo, a cidade: dupla relação que sugere tanto a atenção para os acontecimentos celestes quanto a visão grandiosa do que está abaixo, a cidade. O lugar sugere recolhimento e também expansão.

Se o mirante vê a cidade, a cidade vê o mirante, grande barca sobre a montanha, nau de canga de minério. Como um grande mastro, a antena traz o céu à cidade: através de placas metálicas reflete os raios do sol poente, criando uma referência cósmica para Belo Horizonte - o sol do seu horizonte.

*"Empreendimentos trazem infortúnio
nada que seja favorável."*

A intervenção arquitetônica não desempenha o papel principal no lugar, devendo portanto, conformar-se de modo particularmente cuidadoso e discreto. Os grandes empreendimentos são sistematicamente evitados, até mesmo pela própria disponibilidade financeira do poder público.

A praça de chegada revela a ação do homem: a topografia se rearranja de maneira a criar ondulações que buscam visadas notáveis da paisagem. Na praça posterior, a Praça do Sol, permanece a natureza do lugar: os caminhos e espaços de contemplação são cuidadosamente conformados. Os *decks* panorâmicos são acomodações do próprio

*Mário de Andrade - "Noturno de Belo Horizonte".

terreno, platôs de contenção em canga, dispostos onde a topografia os convida, convivendo com a paisagem.

A visão não é para rápido consumo: precisa de percursos, paradas, silêncios, brilhos, recolhimentos, exterioridades...

A chegada, ao contornar a caixa d'água, prepara o espetáculo e a visão da paisagem, sem revelar tudo isto imediatamente. A própria caixa d'água ganha dignidade pelo tratamento plástico dos taludes e pela parede que encerra um espaço circular de visão exclusiva para o céu, com o mapa celeste gravado no piso.

*"Morder tem sucesso;
é favorável administrar justiça."*

O edifício da rádio é grande obstáculo que separa as duas partes do mirante, evitando que elas se juntem. Diz o hexagrama *Shih-ho* que para uni-las "é necessário morder energicamente através do obstáculo".

Portanto; é sobre o edifício da rádio que se estabelece a ligação visual do conjunto e a superação do obstáculo. Atentos à desfavorabilidade dos grandes empreendimentos, a lanchonete aí situada se harmoniza com o edifício existente, tanto do ponto de vista formal quanto do ponto de vista estrutural, visando a redução de custos.

*"A mulher segura a cesta que,
no entanto, não contém frutos;
o homem apunhalá a ovelha,
mas não corre sangue."*

O *I Ching* adverte para a frivolidade das coisas que se fazem só na aparência e aponta para a importância do que é essencial.

A dinâmica dos percursos só se complementa na grande praça, vértice do lugar, ponta que se projeta para o céu e a cidade através de pedras monolíticas alinhadas que apontam o Norte e cravam na terra das Minas Gerais a referência primordial.

E é esta a postura que norteou todo o projeto: o diálogo com as forças do lugar, na busca de seus significados tão claros, mas também tão secretos. Um casamento que traz o signo da união entre arquitetura e lugar.

Como um trovão sobre a terral.

MÉTODO

É importante ressaltar que numa abordagem holística, alguns conceitos se diferem daqueles contidos no paradigma ortodoxo, dentre eles o conceito da IDÉIA.

Nesta nova visão, acredita-se que a IDÉIA preexiste a própria realidade das "coisas"; e que o pensar e observar peculiar do ser humano desempenham um papel de suma importância para contactá-la, pois esta se encontra fora de nós.

Sendo assim, faz-se necessário criar um meio para sistematizar a manifestação desta IDÉIA.

Ao nos depararmos diante de um objeto de estudo, como por exemplo um terreno disponível a receber uma intervenção arquitetônica, é irrefutável aceitar a existência de vários condicionantes específicos em torno dele. Ao mesmo tempo que já existem ou atuam estes condicionantes (físicos, ambientais, legais, culturais, etc.) sobre o terreno, nele já habita também a IDÉIA que irá responder a todas estas solicitações.

*

"Podemos estudar a natureza de um terreno, de duas maneiras: 1) construindo, para nós, um conceito geral, observando-o do alto de um monte ou de um avião; 2) fazendo uma idéia dele percorrendo-o a pé, passo a passo, em todos os sentidos. No primeiro caso teremos uma visão de conjunto, que chamaremos de síntese. No segundo teremos uma visão de pormenores, que chamaremos de análise. No primeiro caso veremos as linhas gerais, que nos escapam no segundo; no segundo veremos as linhas dos pormenores, que nos escapam no primeiro.

*

"Quer dizer, usaremos os dois métodos e as duas perspectivas, a da revelação, intuição e inspiração - ou seja visão panorâmica por síntese - e a da observação e experiência - ou seja visão detalhada por análise. São estas as duas formas do pensamento humano: religião e ciência, isto é, descida do pensamento de Deus à Terra, por meio dos profetas e inspirados; e a laboriosa ascensão do pensamento humano por meio dos pensadores e dos cientistas.

Eis aí o método que seguiremos. Para atingir o máximo resultado possível, na busca da verdade, para alcançar o máximo possível de conhecimento, usei alternadamente os dois métodos: inspiração e razão."

Diante da maquete em argila, com o máximo de condicionantes possíveis nela representada, o grupo se posiciona de modo a concentrar todas as suas atenções de forma a alimentar suas informações.

*

"Então, com o seu método dedutivo explorou o terreno, como de cima de um monte ou de um avião, obtendo uma visão de síntese, mas que não era controlada no local, em contato com o terreno onde estão os fenômenos: uma visão de conjunto, de princípios gerais, onde faltam os pormenores. Assim ocorreu quando o homem se entregou nos braços da inspiração, da intuição ou da revelação. Daí tirou os princípios gerais, não demonstrados, não focalizados com exatidão pelo trabalho racional, suficientes para saciar apenas a mente, até que o seu maior amadurecimento lhe despertasse a fome de saber mais."

A concentração diante do trabalho é fundamental, pois tal postura predispõe o grupo a uma abertura maior à captação da IDÉIA, ou seja, de seus impulsos e estímulos.

A argila, devido à sua plasticidade peculiar, e por estar em contato físico íntimo com as mãos das pessoas do grupo estará apta a receber e registrar facilmente estes impulsos que são captados e "experienciados" por todo o corpo do grupo.

Esta ligação entre a IDÉIA e a sua materialização, que ocorre por via de nossos corpos, é assim garantida da forma mais fluída e direta, desprovida de processos intelectivos. O mesmo já não ocorre quando a representação da IDÉIA se faz por meio do grafismo, pois sendo este bidimensional, faz-se necessária uma maior interpretação do observador. Por ser esta uma linguagem que exige maior abstração, correremos o risco de obtermos várias interpretações individualizadas do mesmo IMPULSO.

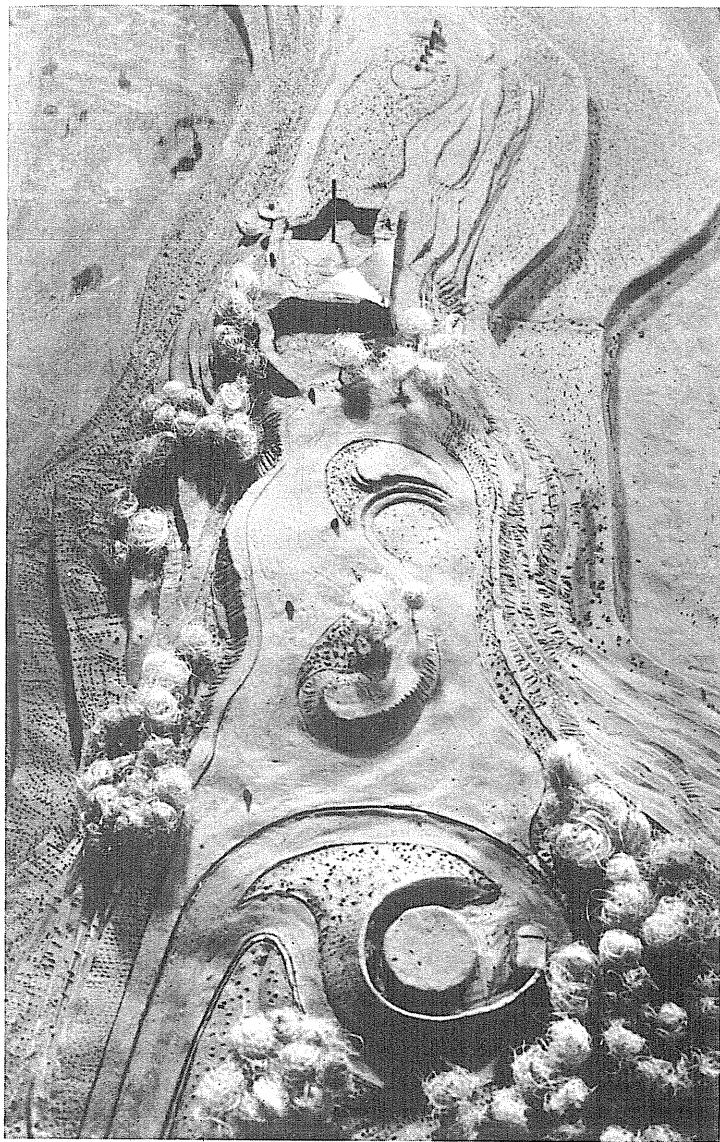
A materialização do IMPULSO desencadeará um processo de análise e crítica da(s) forma(s) surgida(s), proveniente da leitura direta realizada pelo grupo. Desta forma damos mais condições para que o desdobramento da IDÉIA se efetive em toda a sua potencialidade, se ajustando cada vez mais às exigências reveladas pela análise crítica e pelos novos IMPULSOS decorrentes do processo. A esta dinâmica, denominamos de METAMORFOSE.

"Aí então, começamos a andar a pé, no chão, passo a passo. Tornamo-nos dessa forma investigadores comuns, que observam e experimentam. Estamos então, fora do mundo da revelação da fé, penetrando no da pesquisa e da ciência. Usamos agora a forma mental, não mais a de quem crê, mas a de quem duvida. As atitudes e as perspectivas invertem-se. Não se abre a alma a Deus, mas sim buscam-se provas. Entramos, então, na fase do controle racional da intuição. O

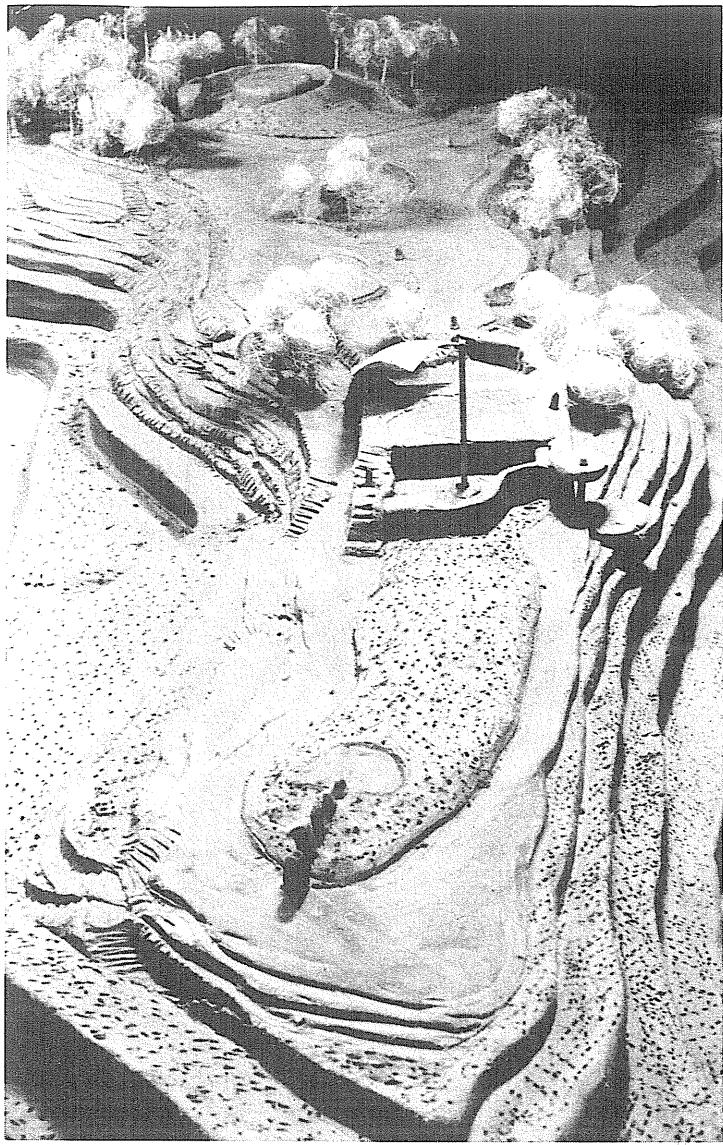
nosso pensamento põe-se a funcionar com engrenagens diferentes, pondo-se em relação diversa com o que existe, não mais de espírito, interior, por visão, mas de sentidos, exterior, por contato material."

Quando se trabalha com a argila, utilizando-se das mãos para a representação da IDÉIA, estamos nos sintonizando a nível anímico. Já a representação gráfica se utiliza do nível mental (haja visto seu próprio instrumental), por isto a reservamos às etapas finais.

É nesta diferença que reside uma grande vantagem desta metodologia: propiciar a participação mais efetiva dos integrantes da equipe (devido à redução do índice de interpretações individualizadas) e permitir o envolvimento no processo de pessoas não habituadas à linguagem gráfica arquitetônica.



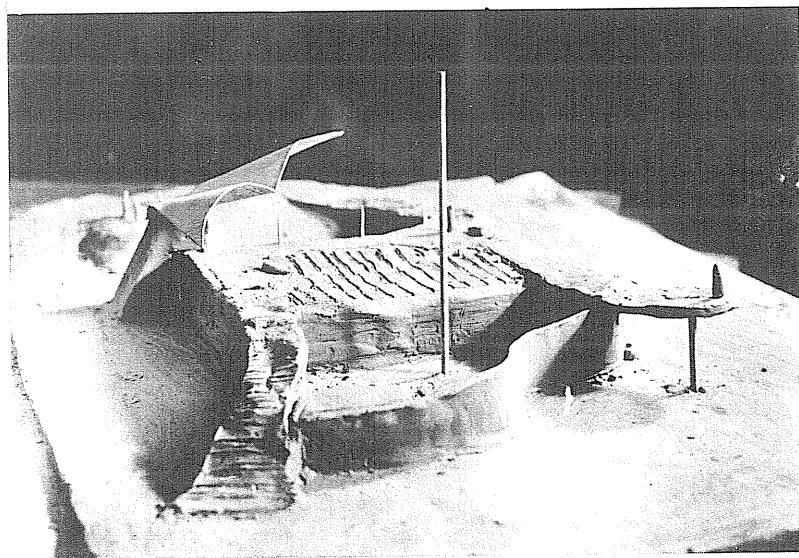
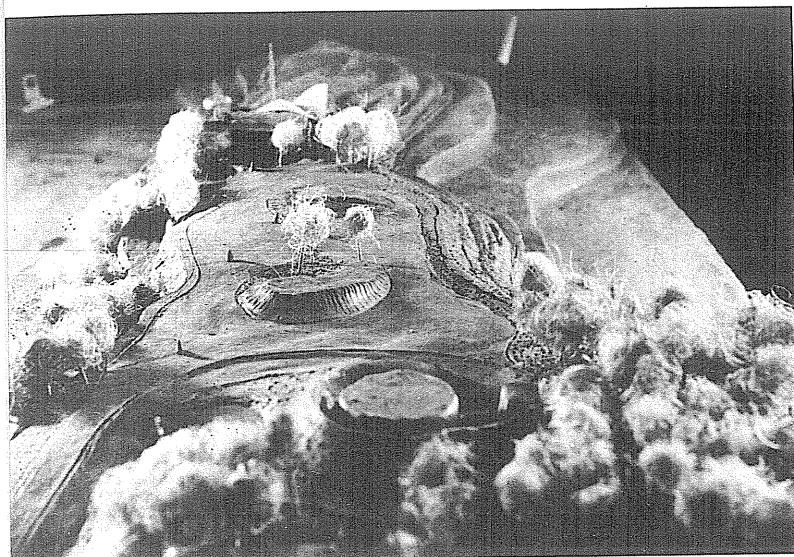
O todo da praça é um organismo vivo e dinâmico do qual derivam por diferenciação todas as coisas existentes. A visão não é para rápido consumo: precisa de percursos, paradas, recolhimentos, exterioridades.



Paisagem construída

Empreender o menos possível e aproveitar as construções existentes revitalizando-as e preservando suas atividades.

FOTOS DA MAQUETE - FASES DE ESTUDO



Largo do mirante

Recupera o cume da montanha em dois aspectos opostos e complementares.

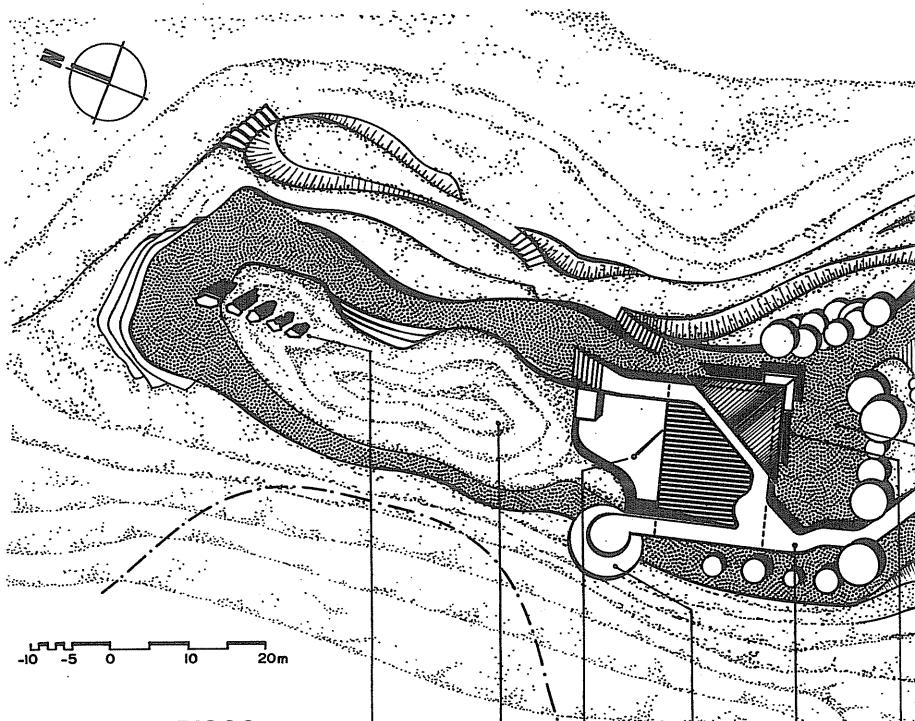
- A expansão para a cidade.
- O recolhimento para a montanha.

Conceito:

O mirante da montanha propicia mais do que a simples contemplação da paisagem. Propicia sob nova perspectiva a contemplação da vida na paisagem: consciência do transitório - humano/cidade e do eterno - Sol/Lua/céu. Propicia o encontro consigo mesmo - a quietude e o encontro com o outro - movimento - lugar de forte significação simbólica.

Proposta: Romper os montanha e sua história
Intervenção arquitetônica respeito à montanha e - diálogos com os condic do lugar:

Decks contínuos como acomodados preferencialmente União entre arquitetura



LEGENDA PISOS:

Asfalto
Pré-moldados de cimento pigmentado/canga
Saibro
Cobert. vegetal
Pontos críticos de erosão

Marco simbólico

Pedras brutas alinhadas p/ norte símbolo das Minas Gerais

Praça do Sol

Climax visual/quietude
Reflexão de raios solares

Antena

Tratamento plástico
Vista privilegiada

Deck suspenso

Acesso p/ Praça do Sol
Vista privilegiada

Decks-Terraco

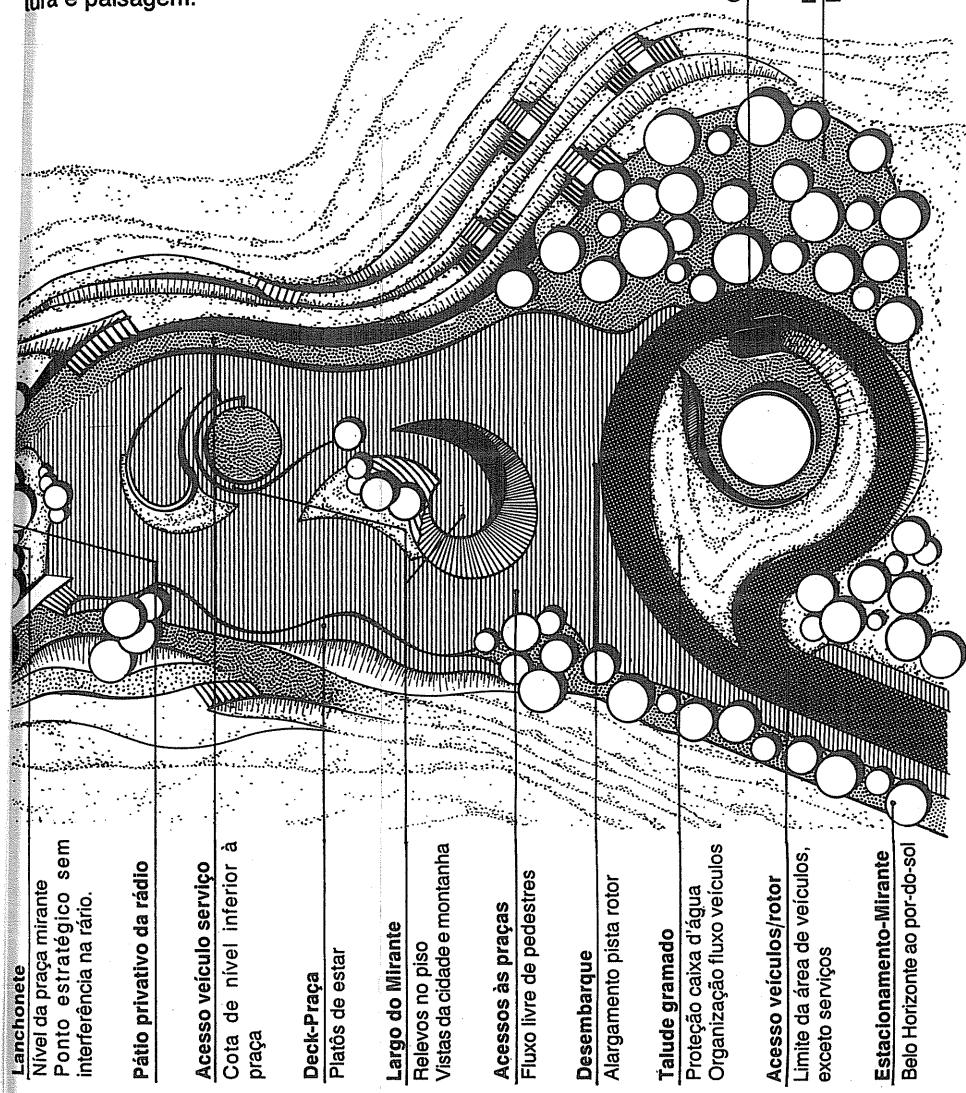
Ligan as partes do conjun-
to bloqueadas pela rádio

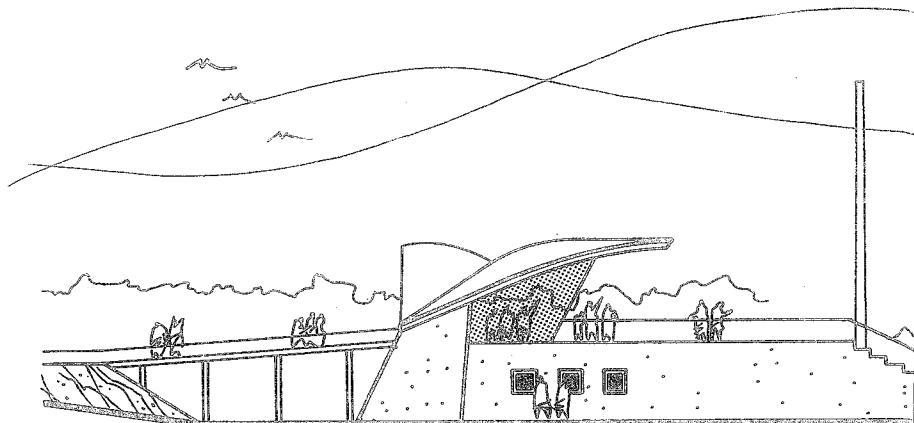
Lanchonete

os limites da cerca e recuperar a história.

única precisa e afetiva - extremo a e aos elementos lá existentes condicionantes físico/ambientais

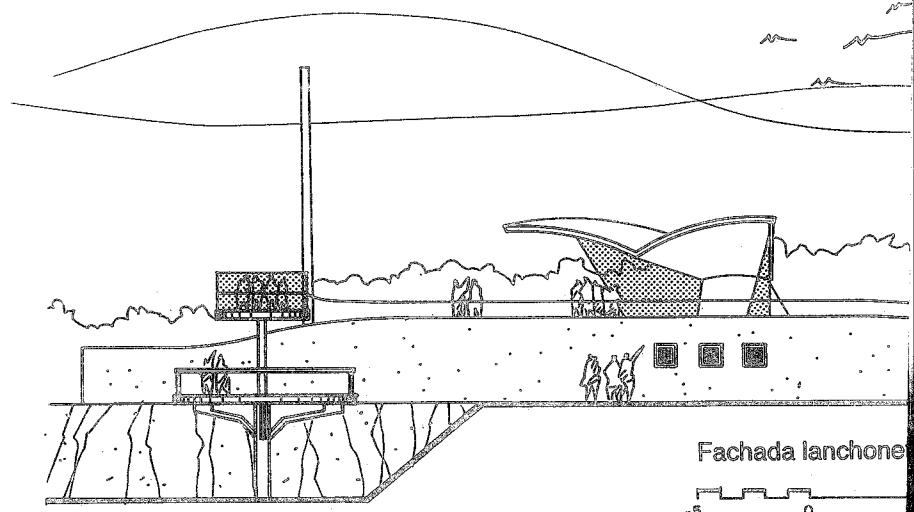
mo extensão das áreas de estar,encialmente no terreno natural.tura e paisagem.





Fachada lanchonete

-5 0



Fachada lanchone

-5 0

DADOS TÉCNICOS - CONSTRUTIVOS

Contenções

- Cotas elevadas do terreno: boa resistência.
- Muros de arrimo de pedra (canga) com altura máxima de 3 m. Formas hiperbólicas estruturais. Degraus/arquibancadas/taludes.
- Pontos críticos: necessário estudos geotécnicos de detalhe:

Drenagem

- Canaletas para condução adequada das águas pluviais que vêm provocando graves problemas de erosão nas encostas.

Decks

- Decks sobre terreno natural: aspecto econômico.
- Decks-terraço: sobre muros laterais da rádio.
- Decks suspensos: estrutura metálica.

Lanchonete

- Acoplada à esquina da rádio, com base no solo natural (sanitários - 10m).
- Solução estrutural nos bordos, independente da construção da rádio, evitando-se a área central da cobertura e o pátio de serviço.
- Ocupação de 30% da área total da cobertura.
- Facilidade executiva e estrutural, sem interferência no funcionamento da rádio.

Guarita

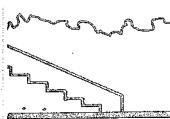
- Integrada à guarita existente (Copasa), acrescida de área de vigilância com visor (8m)
- Aproveitamento de sanitário existente.

Paisagismo

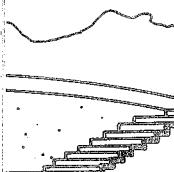
- Preservação e tratamento das matas de eucaliptos existentes.
- Substituição gradativa das casuarinas que interferem na visibilidade, por vegetação arbustiva mais adequada às contenções das encostas.
- Uso de espécimes nativos/florações sazonais: quaresmeiras da serra/ipê amarelo/ipê rosa/pau santo/cipó de são joão/jasmim manga/fedegoso.
- Criação de massas nas encostas/estacionamento/práças.
- Macaúbas situadas em copas inferiores do terreno nas áreas voltadas para o Parque das Mangabeiras.

Área no fundo da rádio - Praça do Sol

- Recuperação das coberturas vegetal e mineral originais
- Interferências: criação de caminhos e lugares organicamente assentados no terreno (saibro).
- Marcação do solstício de inverno (19,5%) através do alinhamento de maciços de pedras.



- Leste



e - Oeste



BIBLIOGRAFIA

- ABDALLA, William. Da exclusão à reintegração: percurso de um professor universitário. *Boletim do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da UNB*, Brasília, nº 47.
- ANDRÉS, Maurício. *Estudo para um programa de educação sobre energia nas edificações*. (inédito).
- AUROVILLE. Cidade da fé, da unidade dos homens, da busca da luz. Caderno Especial IV. Ed. Amanda.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 242 p.
- BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal*; ensaios sobre fenômenos extremos. Campinas: Papirus, 1990.
- BIESANTS, Hagen; KLINGBORG, Arne. *The Goetheanum - Rudolf Steiner's architectural impulse*. London: Rudolf Steiner Press, 1979.
- BLOOMER, Kent C.; MOORE, Charles M. *Cuerpo, memoria y arquitectura*; introducción al diseño arquitectónico. Madrid: Hermann Blume, 1982. 159p.
- BRENNAN, Barbara Ann. *Mãos de luz; um guia para a cura através do campo de energia humana*. s. 1., Pensamento, s.d.
- BRISSAC, Nelson. Vendo o invisível: a ética das imagens: In: CURSO DE ÉTICA, São Paulo: 1990. (Palestra)
- CAPRA, Fritjuf. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- _____. *Sabedoria incomum*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- _____. *O Tao da física*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- CHUNG, Al; HUANG, Liang. *Expansão e recolhimento; a essência do T'ai Chi*. São Paulo: Summus, 1973.

COELHO NETO, J. Teixeira. *A construção do sentido na arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

_____. *Moderno pós moderno*. São Paulo: L & PM, s.d.

CREMA, Roberto. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989.

DAHINDEN, Justus. *Architektur, architecture*. Stuttgart, Zurich: Karet Kramer, 1987. 312 p.

_____. *Arquitetura suíça: filosofia e obra*. s.n.t.

DOCZI, Gyorey. *O poder dos limites*. s. 1. Mercuryo, 1990.

ELIADE, Mircea. *The sacred and the profane*. Harvest HBJ Book, s. d.

FERGUSON, Maricyn. *A conspiração aquariana*. s.n.t.

FULLER, R. Buckminster. *Manual de operação para a espaçonave Terra*. Brasília: UNB, 1985.

GIBRAN, Gibran Khalil. *O profeta*. s. 1., Acigi, s.d.

GOETHE, J.W. *Fausto I*. s. 1., Religião e Cultura, s.d.

HASSAN, Fathy. *Construindo com o povo; arquitetura para os pobres*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980. 233 p.

HERRIGEL, Eugen. *A arte cavalheiresca do arqueiro Zen*. s. 1., Pensamento, s.d.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

_____. *Memórias, sonhos e reflexões*. São Paulo: Nova Fronteira, s.d.

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin, o marxismo da melancolia*. São Paulo: Campus, s.d.

LANZ, Rudolf. *Passeios através da história à luz da Antroposofia*. São Paulo: Antroposófica, s.d.

MEHARG, Land. *Design with nature*. Doubledam, Natural History, s.d.

NORBERG-SCHULZ, L. *Existencia, espacio y arquitectura*. Barcelona: Blume, 1975. 145 p.

_____. *Louis I. Kahn, idea y forma*. s. 1., Xarait, s.d.

NOVIK, Ilia. *Sociedad y naturaleza: problemas socio-ecológicos*. Moscou: Progresso, 1982.

PORTOGHESI, Paolo. *Depois da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1985. 258 p.

REEVES, Hubert. *Um pouco mais de azul*. s. 1. Gradiva, s.d.

REICH, Wilhelm. *A função do orgasmo*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

ROLF, Ida. *Rolfing, integração estrutural*. São Paulo: McGraw-Hill, 1986.

SOLERI, Paolo. *Technology and theology*. (Mimeo).

SPANGLER, David. *The rebirth of sacred*. London: Gateway Books, 1984.

SUZUKI, D.T. *Mística cristã e budista*. Belo Horizonte: Itatiaia, s.d.

STEINER, Rudolf. *Goetheanum, une langage des formes*. São Paulo: Anthroposophiques Momandes, s.d.

_____. *Ciência espiritual e questão social*. São Paulo: Antroposófica, s.d.

_____. *A educação prática do pensamento*, São Paulo: Antroposófica, s.d.

_____. *A filosofia da liberdade*. São Paulo: Antroposófica, s.d.

_____. *O futuro social*. São Paulo: Antroposófica, s.d.

_____. *Linhas básicas para uma teoria do conhecimento na cosmovisão de Goethe*. São Paulo: Antroposófica, s.d.

- THORNBURG, Joseph Muntañola. **Topogénesis uno**: ensayo sobre el cuerpo y la arquitectura. Barcelona: Oikostan, 1979. 211p.
- UBALDI, Pietro. **A grande síntese**. s. 1. FUNDAPU, s.d.
- _____. **O sistema**. s. 1., FUNDAPU, s.d.
- WEIL, Pierre. **A consciência Cósmica**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. **O novo paradigma holístico**. Brasília: I Chi, 1987. Conferência.
- _____. et alii. **Cartografia da consciência humana**. Petrópolis: Vozes, 1978.

**Esta obra foi impressa no
estabelecimento gráfico da
Oficina Mineira de Edições,
Av. Itaté, 13 - (031) 461-9734.
31050 Belo Horizonte - Minas Gerais**

"A arquitetura povoa nossa memória e nos liga à terra, tornando-nos cidadãos de um mundo que tem a marca da nossa presença".

Flávio de Lemos Carsalade

"A Arquitetura pode nos revelar o mundo do espírito e a experiência de se construir algo, pode voltar a gerar imagens que estabeleçam conexão profunda com nós mesmos, possibilitando uma expansão do nosso ser em direção a uma personalidade mais ampla".

Carlos Solano de Paula Carvalho

"Se por um lado podemos dizer que a Arquitetura em sua origem representava ruptura com o ambiente natural, pois buscava a inovação e a transformação, por outro, podemos pensar num caráter erótico e sagrado do objeto arquitetônico. Erótico, quando através de um ato, o de construir, concretiza a energia de Eros, que é o desejo de preservação da vida, e sagrado quando permite ao homem se reintegrar ao mundo natural".

José dos Santos Cabral Filho

"Nosso corpo como um elo é a presentificação entre a memória ancestral e o futuro, assim como os mitos e os ritos gravados nas pedras e nas estruturas dos edifícios ao longo dos tempos".

Heloisa Gama de Oliveira

"Durante o processo de sobrevivência do ser humano no planeta, sucessivas transformações são percebidas tanto no seu habitat quanto nele próprio (mudanças de hábitos, pensamentos, ações e consequentemente o seu nível de consciência).

Esta interação recíproca entre o ser humano e os recursos naturais disponíveis no habitat gera uma realidade dinâmica e mutante a caminho de uma complexidade cada vez maior".

Célio da Silveira Firmo

"Contínuos e progressivos contingentes humanos em busca de novos valores, aliados ao sonho de 'melhores' perspectivas de vida alardeadas pela mídia, deslocam-se no sentido das grandes concentrações que os absorve em condições ausentes de infra-estrutura insalubres às condições vitais do ser humano".

Maria Cristina Teixeira Perocco

"Urge repensar o homem e a tão decantada escala humana enraizada nos princípios fragmentados na separatividade do modernismo.

Urge repensar a Arquitetura como meio ambiente edificado ou não, num contexto ecologizado e não centrado no homem (antropocêntrico)... desenhar com a natureza e com o usuário e funcionar como arquitetos facilitadores, ponte para a síntese de ambas as realidades, do usuário de um lado e do ambiente do outro".

William Ramos Abdalla



1 4 2 1 9
ALMA DA PEDRA, A